

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A visibilidade da participação brasileira nas Olimpíadas de Londres:
Um comparativo entre a cobertura do Jornal Nacional e Jornal da Record

Juiz de Fora
Março de 2013

Michelle Luciano

A visibilidade da participação brasileira nas Olimpíadas de Londres:
Um comparativo entre a cobertura do Jornal Nacional e Jornal da Record

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito para obtenção de
Grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora
Março de 2013

Michelle Luciano

A visibilidade da participação brasileira nas Olimpíadas de Londres:
Um comparativo entre a cobertura do Jornal Nacional e Jornal da Record

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 02/04/2013
pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra – Orientador

Prof. Ms. Ricardo Bedendo - Convidado

Prof. Ms. Lívia Fernandes de Oliveira – Convidada

Conceito obtido _____

Juiz de Fora
Abril de 2013

A Deus, que nunca me desampara, mesmo quando minha fé é do tamanho de um grão de mostarda.

Minha mãe, pela preocupação e amor incondicional.

Meu pai, pelo amor e confiança que sempre depositou em mim.

Minha irmã, que mesmo do seu jeito brigão, sempre esteve do meu lado, me incentivando a não desistir.

Minha saudosa Vó Luzia, que mesmo sem entender bem o que eu estudava, sempre orou para que meus sonhos se concretizassem.

Ao professor e orientador, Márcio Guerra, pela paciência, quando os capítulos me faltavam. Mas principalmente pelo carinho durante o projeto.

Aos professores Ricardo Bedendo e Lívia Fernandes, por comporem com satisfação a banca.

Minha família pela torcida e orações para que tudo desse certo.

À minha afilhada Lili, meu anjinho, que me faz acreditar em um mundo melhor e que faz qualquer tristeza ir embora.

Ao G5 (Analu Benatti, Analu Rezende, Carol e Marília), pela amizade e companheirismo, que tornaram esses anos tão especiais.

À Joicy, pelo apoio e ajuda durante a reta final da monografia, que acabou estreitando nossa amizade.

À turma mais linda da FACOM, “Agora é Sério”, que tornou a faculdade menos sofrível, mais divertida e mudou meu olhar.

Ao Saulo, que me inspira com sua música e deixa minha vida mais crocante.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo cumprir uma análise da cobertura das Olimpíadas de Londres/2012, realizadas pela Rede Globo, sem concessão para transmitir o evento, e a Rede Record, detentora dos direitos de transmissão. Para tanto, foi feita uma coleta de material durante o período do evento dos principais telejornais diários das emissoras, o Jornal Nacional e o Jornal da Record. A análise se deu por duas vertentes, a quantitativa e qualitativa, abordando ao longo da pesquisa conceitos relacionados ao jornalismo esportivo no Brasil, critérios de noticiabilidade e direitos de transmissão.

Palavras- chave: Jornalismo esportivo; olimpíadas; megaeventos esportivos

ABSTRACT

The present study aims fulfil an analysis of the coverage of the London Olympics/2012 made by Rede Globo, not authorized to transmit the event and Rede Record, wich had the rights of transmission. For this was made a collect of material while the event was happening in the main daily news telecast of the broadcasters, The “Jornal Nacional” and the “Jornal da Record. The analysis has two starnds, the qualitative and quantitative approaching in the course of the research concepts related to sports journalism in Brazil, noticeability criteria and broadcasting rights.

Key-words: Sports Journalism, Olympics, sports mega-events

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - O repórter Renato Ribeiro fala sobre a cerimônia de abertura das Olimpíadas de Londres/2012- Jornal Nacional (27/08/12)	54
FIGURA 2 – Animação sobre análise da final dos 50 metros da natação- Jornal Nacional (03/08/12).....	55
FIGURA 3 – Ana Paula Padrão se emociona com depoimento e abraça atleta brasileira- Jornal da Record (08/08/12).....	62
FIGURA 4 – Marta dá entrevista após jogo da seleção feminina de futebol- Jornal da Record (31/07/12).....	64
FIGURA 5 – Animação gráfica utilizada para mostrar as medalhas brasileiras- Jornal da Record (08/08/12).....	69

Sumário

1	INTRODUÇÃO	08
2	A IMPRENSA ESPORTIVA BRASILEIRA	11
2.1	O BRASILEIRO, SUA PAIXÃO POR FUTEBOL E O JORNALISMO ESPORTIVO	11
2.2	A HISTÓRIA DA REDE RECORD	22
2.3	A HISTÓRIA DA REDE GLOBO	26
3	A ORIGEM DAS OLIMPÍADAS	31
3.1	OS JOGOS OLÍMPICOS ANTIGOS	31
3.2	OS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS	35
4	O ESPORTE E A MÍDIA	45
4.1	OS DIREITOS DE TRANSMISSÃO DAS OLIMPÍADAS.....	45
4.2	VALOR-NOTÍCIA	49
4.3	A COBERTURA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS	52
5	COBERTURA DAS OLIMPÍADAS DE LONDRES	56
5.1	COBERTURA DO JORNAL NACIONAL.....	56
5.2	COBERTURA DO JORNAL DA RECORD.....	65
5.3	A COMPARAÇÃO ENTRE A COBERTURA DO JORNAL NACIONAL E DO JORNAL DA RECORD	77
6	CONCLUSÃO	80
7	REFERÊNCIAS	84
8	ANEXOS	89

1- INTRODUÇÃO

O esporte é capaz de despertar os mais loucos sentimentos em curto espaço de tempo, quebrar barreiras, deixar de lado as diferenças e unir povos em nome de uma paixão, torcer pelo seu time. De tempos em tempos essa paixão ganha forma e um pouco mais de importância com grandes eventos como a Copa do Mundo e Olimpíadas. Essas competições transformam-se em grandes rituais de exaltação da nacionalidade, atraindo milhões de espectadores em todo mundo.

No Brasil não é diferente. Principalmente quando se trata de futebol, que é o esporte número um do torcedor brasileiro. Essa paixão se mistura com a história da ascensão do jornalismo esportivo, que tinha um espaço restrito nos veículos impressos até o início do século XX. Só em meados de 1920, com a popularização do futebol, que as notícias esportivas começaram a ter maior destaque.

O rádio marcou a história da imprensa esportiva no Brasil. Foi com as transmissões de rádio que a população pode acompanhar a Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1938, na França, o fato foi um marco não só para o futebol do país, mas principalmente para a comunicação que, pela primeira vez, enviou uma equipe para fazer a cobertura de um evento internacional. Pode-se dizer que foi através do rádio que o brasileiro ampliou sua paixão por futebol e mesmo por outros esportes. Além disso, o rádio criou tendências no modo de narrar e cobrir as competições esportivas.

Com o passar dos anos e o surgimento da TV, aos poucos o esporte também ganha seu espaço nas telinhas. O aumento do interesse do público em acompanhar as competições e novidades do mundo esportivo fez com que tivessem investimentos em programas com conteúdo exclusivo sobre esportes.

Desde seu renascimento, em 1896, os Jogos Olímpicos se tornaram um verdadeiro espetáculo de celebração e culto ao atleta. Atualmente é o evento esportivo de maior visibilidade e importância no calendário mundial. Isso porque envolve elevado número de esportistas e países, além das diversas modalidades concentradas em um mesmo local. Os Jogos de Londres marcaram a XXX edição das Olimpíadas, recebendo 205 países participantes e 10.500 atletas, durante os 17 dias de competições.

Com tanta visibilidade e número de pessoas envolvidas, grandes empresas lutam por espaço para divulgar sua marca, atreladas a ideia dos fenômenos do esporte mundial, que fazem os produtos sumirem das prateleiras. O papel da mídia neste meio é fazer a ponte entre os jogos e os espectadores, levando o maior número de informação possível sobre tudo que acontece durante o evento, jogos, recordes, decepções e curiosidades. No entanto, para fazer este trabalho há uma disputa acirrada entre os veículos de comunicação, no caso particular do nosso estudo, entre as emissoras de TV.

No Brasil, os jogos de futebol foram os primeiros a entrar nessa empreitada, em 1934, dirigentes vendem a exclusividade dos jogos para uma emissora de rádio. Já os direitos de transmissão das olimpíadas, começaram a ser negociados para ajudar na recuperação da crise financeira pela qual passava, tornando-se uma prática efetiva a partir de 1984. É hoje um das principais fontes de lucro do COI (Comitê Olímpico Internacional).

A disputa pelas transmissões das Olimpíadas de Londres, na televisão brasileira, ficou entre a Rede Globo, que desde Munique (1972) não deixou de cobrir nenhuma olimpíada, e Rede Record, sem experiência em Jogos Olímpicos até então. Para surpresa de toda mídia, e muitos telespectadores, a TV Record ganhou a briga e os direitos de cobrir o ciclo olímpico, que além de Londres incluía o Pan de Guadalajara (2011) e os Jogos de Inverno (2010) em Vancouver.

O que pode parecer um progresso, na verdade não representa nenhum avanço na conquista do direito à informação, visto que houve apenas uma troca de exclusividade. Diante desta situação inovadora, dessa alternância de direitos de transmissão, mostra-se um momento exemplar para uma análise do comportamento de duas das principais redes da televisão brasileira, a Rede Globo sem a possibilidade de transmitir o evento, e a Rede Record no desafio de fazer uma cobertura inédita na sua história.

A metodologia escolhida, a fim de realizar uma análise de conteúdo quantitativa (número de matéria por telejornal) e qualitativa do objeto empírico, foi a de divisão de categorias: cobertura do Brasil; matérias complementares; notícias internacionais. Quando se fez necessário, também adotamos subcategorias, a fim de fazer um mapeamento da visibilidade da participação brasileira nas olimpíadas de Londres, feitas por essas duas emissoras.

O período de análise foi do dia 26 de julho ao dia 12 de agosto. E para delimitar a área de estudos, escolhemos os principais telejornais das emissoras o Jornal Nacional e o Jornal da Record, ambas as edições da noite. Durante as Olimpíadas não ocorre uma mobilização tão grande quanto durante a Copa do Mundo de futebol masculino, mas, ainda assim, os brasileiros gostam de se manter informados sobre o desempenho dos atletas. Nas últimas edições a participação de atletas brasileiros aumentou e isso também refletiu no quadro de medalhas, gerando maior interesse do público em assistir às Olimpíadas.

2- A IMPRENSA ESPORTIVA BRASILEIRA

Nossa pesquisa se inicia com uma visão panorâmica da história do jornalismo esportivo no Brasil, a fim de contextualizar o surgimento dessa editoria, assim como seu crescimento. Porém, não há como fazer isso sem relembrar a chegada e desenvolvimento do futebol no Brasil. Já que eles estão intimamente ligados. Muitas das mudanças pelas quais a mídia esportiva passou se deve à evolução e sucesso do futebol, mas a imprensa também influenciou a história do esporte no país.

2.1- O BRASILEIRO, SUA PAIXÃO POR FUTEBOL E O JORNALISMO ESPORTIVO

Cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, lingüísticas e comportamentais de um povo ou civilização. Do latim *colere*, que significa cultivar. Segundo Edward Burnett Tylor (*Cultura primitiva*; 1975; p.29), cultura é “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Esse mosaico de diferentes características, que definem e diferenciam um povo, tem no Brasil a inclusão do esporte como parte de sua identidade. Muitos cientistas sociais têm definido o esporte como forma de propagar o sentimento coletivo. Ele ocupa esse espaço na sociedade brasileira, somos conhecidos como o “país do futebol”. E neste mundo da bola temos nosso próprio estilo de jogar, algo que só o brasileiro tem.

O chamado “futebol arte” é, sobretudo, a valorização do desempenho que privilegia “o uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas, o que cria um

jogo bonito de se ver” (Da Matta, 1994, p.16). Daí a importância desse esporte para o povo brasileiro, é ali que nos sentimos representados. Quando o Brasil entra em campo é como se cada um de nós estive lá.

A relação entre os brasileiros e o futebol é tão intensa que há uma homologia estabelecida entre “futebol arte” e “povo brasileiro”. Mais especificamente, a partir da Copa do Mundo de 1938- na França- quando a Seleção Brasileira começou a ter destaque mundialmente, esse sentimento de pertença assume um papel definitivo no calendário do país: “desde então, a identidade nacional brasileira encontrou seu ritual de consagração máximo: as Copas do Mundo de Futebol” (Vitor Andrade apud Del Priori, 2009, História do esporte no Brasil; p.462).

A paixão do brasileiro por futebol e esse ritual, ao qual Simoni Lahud (2009) fala, se misturam com a história e ascensão da imprensa esportiva do Brasil, que tinha um espaço restrito nos veículos impressos até o início do século XX. Só em meados de 1920, com a popularização do futebol, que as notícias esportivas começaram a ter maior destaque.

Logo após a chegada do futebol no Brasil, com Charles Miller em 1894, o esporte era praticado pelas classes mais privilegiadas e não tinha grande visibilidade nos jornais brasileiros.

Em terras brasileiras, porém, não havia jogos oficiais e menos ainda notícias sobre o desconhecido esporte. Nas páginas dos principais jornais da capital paulista só havia espaço para notícias sobre críquete, turfe, remo e ciclismo. Muita coisa teria de ser feita para que o futebol se tornasse alvo de interesse dos jornalistas da época. (Ribeiro, 2007, p.19)

O empenho de Miller em fazer do futebol um grande sucesso resultou na primeira disputa interestadual. Com a ajuda de Antônio Casemiro da Costa, conhecido como Costinha, a disputa entre cariocas e paulistas rendeu uma nota no jornal Correio da Manhã, do dia 22 de setembro de 1901. Na partida em que o público era inferior ao

número de jogadores, o destaque ficou para o placar, empate de 1 a 1, já que todos os esportes que estavam acostumados a acompanhar sempre havia um vencedor.

Em 1902 foi criada a primeira Liga do Futebol de São Paulo, o que foi um marco para o esporte, que passou a ter mais destaque nas páginas dos principais jornais de São Paulo. No começo o futebol era praticado pelas classes mais favorecidas. Os jornalistas da época destacavam o público, deixando os acontecimentos da partida em segundo plano.

As pequenas colunas quase escondidas que tratavam do assunto foram crescendo apenas à medida que as pessoas passaram a comentar o esporte praticado por um pequeno grupo de jovens da sociedade. É por isso que a linguagem inicial da imprensa em relação ao futebol traduzia a posição intelectual de praticantes e torcedores (FONSECA, 1997)

Aos poucos o esporte foi se popularizando, e em 1903 já se tinha notícias da existência de times na várzea paulista. Foi nessa época também que grandes clubes brasileiros começaram a surgir, como Fluminense e Botafogo, dois nomes de peso do futebol carioca. O aumento no número de clubes, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo fez com que o futebol começasse a se profissionalizar. É quando os primeiros investimentos no mundo da bola foram feitos. Jogadores do time paulista Americano foram os primeiros a receber dinheiro como incentivo para marcar gols e ganhar os jogos.

A imprensa começou a enxergar o futebol com outros olhos, não somente como esporte, mas um investimento. Revistas e jornais impressos decidem criar conteúdo específico para esse novo público que surgia. O Brazil Sport (1907) e a Revista Sportiva (1908) foram um dos primeiros frutos dessa nova aposta do jornalismo. É nessa época também que a maneira como as notícias são dadas começam a mudar, não só as competições, mas os atletas e sua vida particular viram assunto de editoria de esporte.

Segundo Ribeiro (2007, p.35), o primeiro grande evento esportivo que a teve a cobertura da imprensa brasileira foi a vinda da Seleção Argentina ao Brasil. Foram realizados três jogos em São Paulo e três no Rio de Janeiro. Os resultados não foram muito empolgantes, mas o que chamava a atenção era o começo dessa sintonia do brasileiro e sua “Seleção”. As partidas não comportaram o público interessado, tendo público médio de 5mil pessoas, e muitos ainda ficando do lado de fora. Porém o maior destaque ficou para o fato do futebol, pela primeira vez, ter ganhado a primeira página do Gazeta de Notícias.

Em 1922 o Brasil passava por um momento político confuso, por conta da realização da 1º Semana da Arte Moderna. O então presidente Epiácio Pessoa, na tentativa de “distrair” a população e chegar ao fim de seu mandato, organizou uma festa para comemorar o Centenário da Independência. Foi durante essa celebração que aconteceu a primeira transmissão radiofônica do Brasil, com o discurso do presidente. Porém esse pronunciamento não despertou muito interesse da população pelo veículo.

Mas pelo que o próprio Roquete Pinto narrou em vários depoimentos sobre a história do rádio, aquela transmissão feita em 1922 pouco interesse despertou na população. Ele conta que o sistema de auto falantes tinha um som de péssima qualidade, distorcido. “Era uma curiosidade sem maiores conseqüências”. (GUERRA; 2002, p. 14)

Pouco mais de um mês depois, dia 15 de outubro de 1922, acontecia a primeira transmissão esportiva do rádio no país. Foi o jogo entre Brasil e Argentina, válido pelo Campeonato Sulamericano, disputado no estádio das Laranjeiras no Rio de Janeiro. O responsável por levar as notícias dessa partida foi Leopoldo Santana, realizando mais um informativo com os principais lances do que uma transmissão propriamente dita.

A força do futebol fez com que donos de rádios comesçassem a destinar maior tempo de sua programação aos comentários esportivos. Os jogos que antes tinham apenas seus resultados divulgados após a partida, agora tinham boletins durante

a programação para atualizar o placar e os acontecimentos. Já a primeira transmissão na íntegra de uma partida de futebol no rádio, foi no jogo entre São Paulo e Paraná, pelo Campeonato Brasileiro de 1931. Quem propôs o desafio foi o estudante de direito, Nicolau Tuma, que era locutor da Rádio Educadora e foi quem narrou a partida.

Faltando poucos minutos para o início da partida, ansioso, o jovem locutor anunciava para os ouvintes: “Como repórter, vou transmitir daqui tudo aquilo que for acontecendo no campo... Como vocês sabem, o campo de futebol é um retângulo. Então vocês façam um retângulo aí na sua frente, numa cartolina... Ou então, peguem uma caixa de fósforos é o campo. Do lado esquerdo vão jogar os paulistas, do lado direito, os paranaenses”. (RIBEIRO, 2007, p.76)

O sucesso das transmissões feitas por Tuma e audiência que sua emissora obtinha chamou a atenção dos concorrentes e, ao mesmo tempo, dos empresários, que enxergaram nas narrações esportivas um espaço rentável para anunciar seus produtos. Esse casamento entre futebol e rádio foi tão intenso que não há como especificar quem determinou o crescimento de quem, o que sabemos é que um contribuiu para ascensão do outro de tal maneira que dificilmente o sucesso de um é lembrado sem mencionar o outro.

O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. O ponto de partida deste processo é a primeira narração detalhada de um jogo de futebol. (SOARES, 1994, p. 17)

Também em 1931, mais precisamente no dia 13 de março, foi fundado o primeiro periódico especializado em esportes no Brasil. O “Jornal dos Sports”, idealizado por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, com um ativo de seis contos de reis, foi inspirado no jornal italiano "Gazzeta Dello Sport" e ficou famoso pelas suas páginas "cor-de-rosa". A linha editorial do “Jornal dos Sports” exaltava o boxe, o turfe e, é claro, principalmente o futebol.

Na década de 30, o futebol já era um esporte bem difundido e logo chegaria ao profissionalismo. Nessa época, o Rio de Janeiro, segundo Paulo Vinicius Coelho, era a cidade que mais tinha jornais que dedicavam espaço para o futebol. Foi nos anos 30 que nasceu, na mesma, Rio de Janeiro, o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país: O Jornal dos Sports. (COELHO , 2003, p.9)

Foi também nesse momento que a luta pela profissionalização do futebol ganhou força, mesmo com a oposição de muitos dirigentes e clubes da época. Por conta disso muitos jogadores deixaram seus clubes brasileiros para jogar fora, já que na Argentina e no Uruguai os atletas tinham contrato e um bom salário. Não havia mais como resistir, em março de 1933 aconteceu o primeiro jogo entre profissionais realizado no Brasil.

Com a profissionalização do futebol os jornalistas também precisavam adotar outra postura na hora de levar a notícia e principalmente narrar os jogos. Já não dava para continuar sendo “bairrista” e fazendo um jornalismo parcial. Até aquele momento era comum um jornalista durante a partida ter um time de sua preferência e “puxar sardinha” pro seu lado. Exemplo disso eram as narrações de Ari Barroso, sempre marcadas por opiniões pessoais e fanatismo, muitas vezes exagerado. Como em um jogo entre a Seleção Brasileira e a Seleção Argentina.

Com seu microfone na beira do gramado chegou até a invadir o campo para protestar contra o árbitro. Quando o jogador brasileiro Jaú machucou a clavícula atuou o resto da partida com o braço na tipóia. E a tipóia era nada menos do que a gravata de Ary Barroso, que parecia mais interessado na vitória do Brasil do que, propriamente, na transmissão da partida. (CABRAL, 1993, p. 164)

Pode- se dizer que há, também nesse período, um reconhecimento do jornalismo esportivo, que começa a ter prestígio e cadeira cativa nos jornais, rádios e até nos estádios. Principalmente no rádio, onde a cada dia as novidades atraíam os ouvintes, com a divulgação de outros esportes (turfe, basquete, boxe) e inovações no formato do programa, como a inclusão de um novo participante durante os intervalos de jogos, o

comentarista, figura que permanece até hoje nas transmissões esportivas, não só de futebol.

Segundo Guerra (2012, p. 42), outro marco importante neste período foi a começo da participação de jogadores negros no futebol, impulsionando a popularização do mesmo. Até então poucos clubes permitiam a participação de jogadores negros. Fluminense e Vasco foram os pioneiros. Após um período de polêmica, na Copa do Mundo de 1934, o primeiro jogador negro vestia a camisa da Seleção Brasileira. O craque Leônidas da Silva tornava-se ídolo do futebol.

O futebol virou negócio e dirigentes começaram a ver no rádio uma nova fonte de renda, decidiram então proibir as transmissões alegando que isso fazia com que o público não comparecesse ao estádio. Entretanto, ocorreu o contrário e o rádio passou, depois de algum tempo, a ser instrumento indispensável do torcedor nas praças esportivas. Depois disso surgiram contratos de exclusividade entre os clubes e as rádios.

É durante a Copa do Mundo de Futebol de 1938 que a imprensa esportiva brasileira atinge seu auge e passa por grandes mudanças, fazendo uma cobertura completa desde a preparação da seleção até o embarque para a competição. Pela primeira vez uma equipe foi enviada para fazer a cobertura de um megaevento. O fato foi um marco não só para o futebol do país, mas principalmente para a mídia que enviou uma equipe para fazer a cobertura de um evento internacional. O evento também contribuiu para investimentos em equipamentos de transmissão.

A persistência em realizar narrações esportivas diretas provocou a busca de melhorias nos equipamentos e o gênero acabou influenciando o desenvolvimento do jornalismo radiofônico brasileiro. Essa contribuição se deu principalmente com as coberturas externas. Prova disso é a primeira transmissão de um jogo da Europa, feita pelo locutor Gagliano Neto, em 5 de junho de 1938: Brasil 6 contra Polônia 5 (anteriormente os locutores já haviam se aventurado a transmitir de países sul-americanos). (SOARES, 1994, p.33)

Após a Copa da França o interesse do brasileiro por futebol foi crescendo e isso influenciou o espaço que as notícias esportivas tinham nos veículos. Nas rádios os programas de esporte eram cada vez mais comuns, mesmo com o alto custo das transmissões. O número de jornais e revistas especializados em esporte também aumentou, em 1946 nascia o “Mundo Esportivo”, outro jornal da época de conteúdo exclusivo era “A Gazeta Esportiva”- em São Paulo.

Em 1950 o país viveu a expectativa e euforia de sediar uma Copa do Mundo. Isso fez aflorar o nacionalismo e a paixão do futebol como o esporte nacional. Na tentativa de mostrar a força e importância do futebol brasileiro foi construído o maior estádio do mundo, o Maracanã. Que depois passou a ser chamado de Mario Filho, uma homenagem àquele que apoiou e defendeu sua construção.

O patriotismo tomou conta da cobertura jornalística. Após duas goleadas o Brasil chegou à final como favorito. Um dia antes da decisão vários jornais estampavam suas capas com os dizeres: “Brasil campeão do mundo”. Todos os grandes nomes da imprensa esportiva estavam no estádio.

Durante os noventa minutos de jogo, todos esses craques do microfone tentaram empurrar, cada um em seu estilo, a Seleção Brasileira ao ataque. Mas o que se viu em campo foi a garra e revolta dos uruguaios sufocarem o grito antecipado de campeões. Quase mil jornalistas presenciaram a maior tragédia ocorrida no futebol brasileiro. (RIBEIRO, 2007, p.86)

Dois meses após a decepção brasileira, chegava ao Brasil um novo veículo que iria revolucionar os meios de comunicação, a televisão. No dia 18 de setembro de 1950 entrou no ar a TV Tupi, canal 3 de São Paulo. Desde o primeiro dia que a TV entrou no ar, o esporte já tinha espaço distinto, com o programa “*Vídeo Esportivo*”. Em 15 de outubro aconteceu a primeira transmissão de um evento esportivo pela televisão brasileira, a partida entre Palmeiras e São Paulo. No começo, o número de aparelhos receptores era muito pequeno, estima-se que cerca de duzentas pessoas conseguiram

acompanhar as imagens da partida. Outras emissoras foram surgindo, a TV Paulista, em 1952- antecessora da TV Globo- e a TV Record, em 1953.

O surgimento da TV começou a influenciar a cobertura esportiva. Muitos profissionais do rádio começam a migrar pra TV, porém o rádio ainda era o principal veículo. Além disso, o rádio criou tendências no modo de narrar e cobrir as competições esportivas que perduram até os dias de hoje, como o grito de “gooooool” prolongado. A TV também exigiu maior credibilidade do rádio e principalmente do impresso, já que as notícias podiam ser “conferidas” na televisão.

O jornalismo esportivo da época ainda passou por momentos importantes, como a criação do programa “*Mesa Redonda*”, precursor das atuais mesas de debates esportivos. Segundo Ribeiro, a conquista do mundial de 58 pela Seleção Brasileira, considerado impossível pela imprensa e grande parte dos torcedores, impulsionou as vendas de jornais, revistas e aumentou a audiência das rádios. Exemplo disso, foi o jornal Gazeta Esportiva, de São Paulo, que vendeu quase 400 mil exemplares. O início das transmissões de jogos ao vivo pela televisão, atrelado ao baratiamento dos aparelhos, influenciou a procura de receptores pelos brasileiros. Aumentando de mil aparelhos, antes da Copa de 58, para surpreendentes 621.919 unidades em 1960.

Surge a TV Bandeirantes em 1967. Em 1970, o mundo pôde acompanhar a primeira transmissão ao vivo de uma Copa do Mundo na televisão. Após a conquista do tricampeonato Mundial no México, surgiu a primeira revista regular de esportes no Brasil. No início dos 80 começaram a aparecer na imprensa as primeiras matérias polêmicas sobre clubes, federações e dirigentes, vendas ilícitas de jogadores, falta de organização, escândalo de loterias, compra de arbitragens e aumento da violência dentro e fora dos estádios (RIBEIRO, 2007).

Os grandes jornais enxergam a importância do esporte e dedicam páginas coloridas à editoria. Infelizmente nem todos os esportes tinham o mesmo espaço. Uma revista de conteúdo exclusivo de vôlei, chamada “Saque”, criado nos anos 80 não deu certo. A Copa do Mundo de 1982 foi de grande importância para a mídia esportiva do Brasil. A rede Globo enviou cerca de 150 profissionais para Espanha e transmitiu 150 horas de programação (Memorial Globo). O Jornal do Brasil montou uma redação em Madri e investiu em uma tecnologia inédita para enviar os textos para serem impressos no Brasil, vendendo até cinco mil exemplares por dia.

A década de 90 chega com uma grande novidade, a popularização da internet. Os grandes portais da época tinham páginas exclusivas para o esporte. O novo veículo trazia a possibilidade de unir as características do impresso, texto e foto, com a agilidade do rádio, já que a notícia era rapidamente divulgada. Para muitos, esse seria o fim do jornal impresso, o que significou a busca de investimentos de jornais em portais da web. Como aconteceu no rádio com o surgimento da TV, agora, muitos profissionais do impresso migraram para a internet.

Foi nessa época que surgiu o “Lance”, lançando uma página na internet, antes mesmo do jornal impresso estar nas bancas. Foi também na década de 90 que surgiram as TVs por assinatura, com alguns canais de conteúdo exclusivo para esportes. Em 2000, foi criada a PSN (Panamerican Sports Network), que tinha o objetivo de ser o maior canal de esportes do mundo.

A aposta no que seria o futuro do mercado editorial, a internet, acabou não dando certo. O retorno não foi como esperado, e isso fez com que grande parte dos portais criados fechasse suas portas, e os profissionais que haviam deixado o impresso pela internet, tiveram de voltar ganhando menos do que antes. O “Gazeta Esportiva” não sobreviveu com poucos investimentos e a perda de profissionais para a internet.

Desde novembro de 2001 existe apenas na internet. Atualmente a internet é um dos principais meios de informação. Há um grande número de sites especializados em notícias esportivas e todos os portais possuem páginas de esportes. Além disso, a internet possibilita o acompanhamento de partidas ao vivo por sites, e mesmo ouvir uma emissora de rádio.

Em contrapartida o rádio perdeu um pouco de espaço. Ele que durante muito tempo foi o principal canal de informação, cobrindo os eventos esportivos com grandes equipes, perdeu anunciantes. Hoje, são poucas as rádios que conseguem enviar equipes para realizar a cobertura de um grande evento. Já o jornalismo impresso parece ter conseguido se estabilizar, após o fechamento de alguns jornais, outros se firmaram, como o “Lance”.

As TVs por assinatura ganharam força e a venda de pacotes de jogos movimentou o mercado. A obtenção de direitos de transmissão de campeonatos e eventos esportivos, que será retomada mais a frente, fez com que o jornalismo desse lugar ao espetáculo. Muitas vezes, aparecer é mais importante do que fazer um bom jogo e fazer uma grande jogada. Os anunciantes pagam os salários milionários dos jogadores. A emissora interfere até mesmo no horário dos jogos, que precisam ser realizados em horários que não vão atrapalhar a programação.

As duas emissoras analisadas têm em sua história momentos importantes que envolvem o esporte, e a fim de contextualizar esses momentos, faremos uma breve retomada sobre a história dessas duas emissoras, Rede Record e Rede Globo.

2.2- A HISTÓRIA DA REDE RECORD

Há 60 anos no ar, uma das primeiras emissoras da televisão brasileira, a TV Record foi a única que conseguiu manter suas atividades ininterruptamente desde sua inauguração. Sob o comando de Paulo Machado (responsável também pelas Emissoras Unidas, composta por diversas rádios de São Paulo), o novo canal, além de contar com os equipamentos mais modernos da época, levou para TV grandes nomes do rádio.

Boa noite. Com o cordial cumprimento dos apresentadores Hélio Ansaldo e Sandra Amaral, a TV Record, Canal 7, é inaugurada às 20 horas do dia 27 de setembro de 1953. É a segunda emissora do País a entrar no ar- a Tupi havia sido inaugurada três anos antes. Equipada com o que havia de mais avançado na época, o novo canal merece destaque na imprensa. “Está no ar em São Paulo umas das maiores TVs do mundo”, anuncia a manchete do jornal O Estado de S. Paulo. (BELLINI, 1999, p. 11)

No começo a TV Record investiu em uma programação musical, o que agradou os telespectadores e a deixou como líder de audiência, já que o público estava acostumado com a programação das rádios. Programas como festivais, A Família Trapo, O Fino da Bossa e Jovem Guarda foram uma marca registrada da emissora e são lembrados até hoje. Aos poucos uma nova linguagem foi surgindo e também a formação de uma equipe talentosa, que depois acabou por abastecer outras emissoras que entraram no mercado.

Logo nos primeiros anos a emissora também apostou em transmissões esportivas. Silvio Luiz era o responsável por narrar os jogos, muitas vezes no improviso, principalmente quando se tratava do momento certo de entrar no ar. Em 1954, sob o comando de Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida, entra no ar um novo programa que discutia notícias de esporte. Com a finalidade de cobrir a Copa do Mundo daquele ano, o Mesa Redonda deu origem às atuais mesas de debates esportivos. A partir daí a emissora tornou-se pioneira na cobertura esportiva, posição que foi

reforçada em 1955, quando se tornou a primeira a exibir uma partida de futebol, ao vivo, entre Santos e Palmeiras.

Transmite pela primeira vez no Brasil uma partida de futebol ao vivo pela TV, o jogo entre Santos e Palmeiras, na Vila Belmiro, na Baixada Santista, no dia 18 de setembro. Um ano depois estabelece outro marco na história da televisão brasileira: a primeira transmissão interestadual. Diretamente do Jockey Clube do Rio de Janeiro, a emissora mais jovem do País permite ao telespectador paulistano assistir ao vivo ao Grande Prêmio do Brasil. (BELLINI, 1999; p. 13)

Alguns elementos implantados pela Record também são utilizados até hoje.

Como o de colocar câmeras atrás do gol. Isso tudo foi possível graças ao dono da emissora, Paulo Machado de Carvalho, apaixonado por futebol. Paixão que fez com que ele assumisse a chefia da Seleção Brasileira na preparação para a Copa do Mundo de 58. O chamado Plano da Vitória, contou com ajuda de dois craques do nosso futebol, Pelé e Garrincha, que ajudaram o Brasil a sagrar-se campeão. O interesse por pelo futebol aumentou e influenciou as vendas de aparelhos de televisão.

Com tanta gente aderindo à nova moda de televisão, era o momento de as emissoras começarem a se preocupar com o aperfeiçoamento das transmissões, em especial das partidas de futebol, um dos programas líderes de audiência da época. Record e TV Rio, por exemplo, passaram a utilizar lentes de zoom especiais para conseguirem ângulos mais próximos às estrelas do espetáculo. (RIBEIRO, 2007; p. 170)

No início da década de 60, mais uma vez o futebol brasileiro faz história conquistando Bicampeonato Mundial no Chile, em 1962. Ainda segundo Ribeiro, antes mesmo do início dos jogos a imprensa já buscava fazer uma ampla cobertura da Seleção. As rádios eram o único modo de acompanhar os jogos ao vivo, porém, já podíamos notar uma evolução por parte da televisão, os jogos podiam ser vistos dois dias depois.

Pode parecer muito, mas pela primeira vez o torcedor brasileiro, que antes só via lances dos jogos nos cinejornais uma semana depois, começava a ver a partida inteira, em videoteipe. As exibições inéditas eram fruto de uma parceria entre as duas maiores emissoras do país: Record e Tupi, com o apoio do técnico da Televisa, do México, e o dinheiro de Adhemar de Barros, então candidato a governador de São Paulo. A narração era feita pelos locutores Raul Tabajara, pela Record, e Walter Abraão, que fazia sua estréia em Copas do Mundo, pela Tupi. Cada um narrava um tempo do jogo. (RIBEIRO; 2007; p. 187)

Em 1966, a Record ocupava uma posição de destaque em relação às concorrentes. O programa apresentado por Hebe Camargo era o grande sucesso da época e garantia a maior audiência da televisão brasileira. Nada parecia ser capaz de abalar a posição privilegiada que a emissora ocupava naquele momento, porém um acontecimento trágico compromete não só a posição ocupada, mas toda a história da emissora. Um incêndio atinge o prédio onde funcionavam seus estúdios e destrói além de equipamentos, grande parte do seu acervo.

No dia 29 de julho de 1966, o fogo destrói os estúdios e a central técnica da unidade do Bairro Aeroporto. É a primeira emissora do País a perder acervos (mais de 300 filmes) e equipamentos em incêndios. Mas se recupera e prossegue sua trajetória de glória. (BELLINI, 1999, p.11)

Alguns anos mais tarde, a emissora tem sua ascensão interrompida por novos incêndios, três desta vez, todos em 1969. O primeiro foi em janeiro, no prédio onde funcionava a torre de transmissão do Canal 7, porém sem grandes perdas. No mês de maio foi o Teatro Record Consolação que teve suas instalações destruídas pelo fogo. Em julho do mesmo ano, o novo Teatro da Record- considerado o mais bem equipado da televisão brasileira-

Mesmo diante dos imprevistos a Record continuava marcando a história da televisão brasileira. Juntamente com outras emissoras, transmitiu ao vivo a Copa do Mundo de 1970, diretamente do México. Pouco tempo depois realizou oficialmente a primeira transmissão em cores no Brasil, no dia 19 de fevereiro de 1972. As primeiras

imagens coloridas foram da Festa da Uva em Caxias do Sul, geradas pela TV difusora de Porto Alegre.

Em 1977, coloca no ar vários programas esportivos: *Cartão Vermelho*, mesa redonda com cronistas especializados; *Desafio do Galo*, um espaço para o futebol de várzea; *O Melhor do Jogo*, mostrando os principais lances do Campeonato Paulista. E não menos popular, o programa *De Olho no Lance*, uma mesa redonda, comandada por Silvio Luiz, com os destaques da rodada.

Em 1989 a Rede Record começa uma nova etapa na sua história. A venda da emissora para o Bispo Edir Macedo e o empresário Odenir Laprovita Vieira traz uma nova proposta de programação, tendo o jornalismo como carro chefe. Investimentos em equipamentos e busca por uma melhor posição no ranking das TVs. Nessa busca a emissora realizou a cobertura dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, e mais tarde, da Copa do Mundo de 1998, dando um passo importante nas coberturas esportivas.

Em 2001 a emissora ganha reforço na cobertura esportiva com a contratação de Milton Neves, lançando o programa *Terceiro Tempo*. Em 2002 a Record envia uma equipe para cobertura de mais uma Copa do Mundo: “A cobertura da Copa do Mundo da Alemanha conta com 25 profissionais da emissora que trouxeram todas as informações do maior evento esportivo do mundo (Historia da Rede Record).

Na busca pela liderança a Record não mede esforços. Em 2009 contrata Mylena Ciribelli que ficou no comando do programa *Esporte Fantástico*. Um ano mais tarde exhibe a cobertura dos Jogos Olímpicos de Inverno de Vancouver. Era o começo da caminhada até os Jogos de Verão de Londres/2012, que antes teve como teste a cobertura dos Jogos Pan- Americanos de Guadalajara/2011, no México. Pelo cenário atual a emissora irá continuar na disputa pela audiência.

Há uma busca de uma emissora concorrente em assumir a liderança da TV aberta brasileira que tem há anos a Globo, como canal de referência. Nas palavras do representante da cúpula da Record, o Bispo Edir Macedo, essa rivalidade é ainda mais acirrada: “Avançamos bem, mas ainda é pouco. Vamos ser líderes na comunicação do Brasil. A Record será a número 1. Iremos trabalhar o tempo que for necessário, mas vamos chegar lá (...) (TAVOLARO apud Adriano Sampaio; 2007, p.149)

Já nas Olimpíadas de Londres/2012, a Rede Record realizou sua maior cobertura esportiva da história. Enviando uma equipe de 350 profissionais e 35 toneladas de equipamentos. Foram mais de 165 horas de transmissão, sendo 40 delas de cobertura jornalística e mostrando 24 modalidades diferentes.

2.3- A HISTÓRIA DA REDE GLOBO

A concessão outorgada em 1957, pelo então presidente, Juscelino Kubitschek, foi o pontapé inicial para a criação da Rede Globo. Contudo a primeira transmissão só foi acontecer no dia 26 de abril de 1965. O começo da sua história foi marcado por uma polêmica envolvendo o acordo entre a Time-Life e as Organizações Globo, considerado ilegal, já que a Constituição Brasileira naquela época proibia qualquer pessoa ou empresa estrangeira de possuir participação em uma empresa brasileira de comunicação.

A Globo foi inaugurada em 26 de abril de 1965. Antes, em 1962, assinara um contrato com o grupo norte- americano Time- Life, que se estendeu até 1969. Ela recebeu 5 milhões de dólares na transação. Descumpriu o Artigo 160 da Constituição, que, na época, proibia a presença de capital estrangeiro em meio, que fosse fruto de concessão estatal. O então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, denunciou o ilícito. (RAMOS, 2002, p.119)

No começo a Rede Globo não representou uma ameaça às concorrentes. Somente a partir de 1969, com a mudança no perfil da empresa, onde o poder passou das mãos de artistas e jornalistas para publicitários, modificando a programação da

emissora. No mesmo ano a Globo iniciou a operação em rede para todo o território brasileiro, com o “Jornal Nacional”, um marco na história da TV brasileira. Foi ainda a pioneira na implantação da TV a cores no Brasil, em 1972.

Com a liderança de audiência consolidada, assistindo de camarote à degringolada da Tupi e usufruindo dos benefícios da tecnologia de comunicações cada vez mais sofisticada de que dispunha o País (estação rastreadora de satélites, que deu à Globo a chance de incorporar-se à rede mundial que transmitiu a chegada do homem à Lua em 1969 lhe garantiu picos extraordinários de audiência; sistema de TV a cores, inaugurado em 1972 e logo aproveitado pela Globo que produziu a primeira telenovela colorida em 1973), pôde dar-se ao luxo de passar a ter veleidades artísticas e de impor o “padrão Globo de qualidade”. (LINS DA SILVA, 1985, p.34)

Assis Chateaubriand, com seus Diários Associados (DA), comandava a programação de 18 emissoras de TV. Porém, até então, os programas eram enviados por avião para que pudessem ser transmitidos em todas emissoras. Em 1969, o Jornal Nacional estreia no ar e pela primeira vez aconteceu a transmissão em rede, que permitia transmissão simultânea e ao vivo para todas as emissoras dos DA.

A Embratel acabara de inaugurar uma rota que permitia, por sistema de microondas, emissão de sinais de TV simultâneos para Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. Eram as condições técnicas que faltavam para a TV Globo realizar seu sonho de se tornar a primeira rede de televisão do Brasil. Ao possibilitar a geração de uma programação uniforme para todo o país, essa era também uma grande oportunidade para a empresa diminuir os custos de produção e aumentar a capacidade de comercialização do espaço publicitário (BARBOSA, Ribeiro apud ALLGAYER, 2010, p. 14)

Pouco antes, no ano de 1970, cerca de 700 milhões de pessoas acompanharam as transmissões da Copa do Mundo do México, em todo mundo. No Brasil, graças ao esforço do então presidente da Rede Globo, Walter Clark, uma parceria entre várias emissoras de rádio e televisão permitiram que os brasileiros assistissem nossa Seleção. O fato se deu por falta de linhas de transmissão suficiente para todas as emissoras envolvidas. Cada emissora teve direito de narrar uma parte do jogo.

O então diretor de jornalismo da Rede Globo, Armando Nogueira, relembra a emoção que tomou o país após a conquista do tricampeonato: “Todo mundo tinha visto tudo: o passe de Gérson, desafiando a aerodinâmica, o chute longuíssimo de Pelé, esgarçando a angústia do goleiro tcheco, o *replay* do gol de Jair contra a Inglaterra, a volta olímpica de Tostão no colo da multidão”. MEMÓRIA GLOBO; (memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo> Acesso em: 20/01/2013)

No ano de 1972, os brasileiros puderam acompanhar a primeira cobertura da Rede Globo de uma olimpíada. Os Jogos de Munique, na Alemanha, tiveram um programa diário na emissora, onde boletins com as principais notícias do evento eram apresentadas. Uma equipe de sete jornalistas da TV Globo se dividiu entre Munique, na Alemanha, e Madri, na Espanha, para cobrir as competições. Neste mesmo ano participou do pool de emissoras que efetuaram a 1ª transmissão nacional e oficial em cores: a abertura da Festa da Uva, em Caxias do Sul, em 19 de fevereiro.

Além do esporte, a emissora também investia em telenovelas, no início adaptações das dramaturgia mexicana. A opção por produção diárias neste seguimento corroborou para a criação do vínculo com o telespectador. Era necessária uma programação que ajudasse a manter uma audiência fixa durante toda semana. Já em 1975 a emissora contava com uma programação de abrangência nacional, incluindo as novelas. Vale lembrar que a Rede Globo cobre hoje 99,84% dos 5.043 municípios brasileiros, através de 113 emissoras, entre Geradoras e Afiliadas.

Logo no início da década de 80 a TV Globo começa uma batalha pela hegemonia das transmissões esportivas. Com a extinção da TV Tupi restava apenas a concorrência da TV Record e da Bandeirantes. Essa briga pela concorrência e a demonstração do poder financeiro da emissora, já começou na Copa do Mundo da Espanha, de 1982.

A maior dificuldade em superar a Globo aparecia nas grandes coberturas, como a de uma Copa do Mundo, por exemplo. E aí a questão era muito mais financeira. No Mundial da Espanha, em 1982, a emissora carioca demonstrou seu poderio ao comprar com exclusividade os direitos de transmissão para o Brasil por 14 milhões de dólares. A estrutura montada era de primeiro mundo: 150 profissionais, com estúdios próprios em Madri, além de equipamentos modernos para suprir qualquer exigência das transmissões e reportagens. (RIBEIRO, 2002, p. 254)

Na Copa seguinte (1986) a Rede Globo não conseguiu exclusividade nas transmissões, e mais uma vez o pool de emissoras foi formado para transmitir o evento, fazendo concorrência com a emissora Global. Em terras brasileiras a disputa se daria pelos direitos do campeonato brasileiro, que de 1989 até 1993 não foi exclusividade da Globo. Neste momento a Record já não representava uma ameaça na briga pela liderança, acirrando a disputa entre Globo e Bandeirantes. Para ganhar a audiência do telespectador vale tudo, as emissoras começam a investir em equipamentos mais modernos o que acabou favorecendo o torcedor.

Os torcedores da poltrona acostumaram-se com objetos estranhos colocados ao redor do gramado dos estádios. Trilhos nas laterais, guias que subiam e desciam em movimentos similares ao de uma gangorra passam a ser comuns nas transmissões. Quem quisesse entrar na disputa pela audiência da televisão teria de ter dinheiro para tudo isso e muito mais. (RIBEIRO, 2007, p.278)

O crescimento foi tão rápido que a qualidade da produção brasileira ficou conhecida mundialmente. Recursos utilizados na Copa do Mundo de 1994 foram implantados em outras editorias após o fim dos jogos. Como o emprego do *slow motion* e o *touch screen*. Na França, em 1998, mais uma vez a Globo conseguiu exclusividade nas transmissões, desembolsando para isso a quantia de 220 milhões de dólares.

Desde a primeira Olimpíada que a Rede Globo cobriu, Monique- 1972, a emissora esteve presente em todas as edições dos Jogos. Sempre investindo alto nas equipes. Exemplo disso é o número de profissionais envolvidos na cobertura da última olimpíada a qual o canal teve direito de transmissão. Em Pequim/2008, cerca de 190

profissionais envolvidos, sendo que 70 desses foram contratados na China. Nas Olimpíadas de Londres/2012, pela primeira vez a Globo perdeu a exclusividade das transmissões para outra emissora, a Rede Record, e se viu diante de uma nova realidade, de ter que informar seu público com imagens limitadas e cedidas por outra emissora. Os resultados dessa situação serão abordados no capítulo cinco.

3- A ORIGEM DAS OLIMPIADAS

De quatro em quatro anos somos testemunhas do que muitos consideram ser o maior acontecimento esportivo do mundo, já que reúne diversas modalidades esportivas em um único evento e mais de duzentos países participantes. A grandiosidade que envolve os Jogos Olímpicos de hoje e o coloca na categoria de espetáculo, é o que faz com que milhões sejam investidos não só em sua realização, mas em sua transmissão pelas redes mundiais. A origem dos Jogos Olímpicos passa por rupturas e retomadas, dividindo-se em Jogos Antigos e Jogos Modernos.

3.1- OS JOGOS OLÍMPICOS ANTIGOS

Criado pelos gregos, na Antiguidade, desde a primeira edição até as olimpíadas que hoje celebramos, os jogos passaram por várias modificações e foram se moldando com as necessidades e características de cada época, passando até mesmo por momentos de crise. Mantendo sempre a tradição e importância reconhecida já na Grécia Antiga, nos primeiros jogos, servindo de inspiração até de poemas. Considerado um dos mais importantes poetas líricos da história literária grega, Píndaro homenageou os jogos em forma de versos.

Não podemos cantar disputa maior que Olímpia
assim como a água é o mais precioso dos elementos,
assim como o ouro é o mais valioso dos bens
e assim como o sol brilha mais do que qualquer outra estrela
assim brilha Olímpia, lançando sombra sobre todos os outros jogos
(FRANCES M, 2001, p.211)

Os jogos olímpicos não eram os únicos torneios da Grécia Antiga. Era costume competições para celebrar grandes feitos. Alguns desses jogos tornaram-se tradicionais por serem realizados em períodos regulares, como os jogos Píticos, que era uma homenagem ao Deus da música, os Jogos Nemeus, dedicado a Zeus e os jogos Ístmicos, em honra ao Deus do mar. Partindo da reminiscência da civilização grega, onde história e mito se confundem, a origem dos jogos olímpicos passa por divergências.

A Grécia não era uma nação. Formavam o seu conjunto, ou a Hellas, dezenas de clãs tribais, e rivalíssimos, cada qual com seu líder, ou seu monarca. Cada qual organizava seus festejos e suas competições particulares. Em Delfos se disputavam os Jogos Píticos, em honra a Apolo, o deus da beleza. Em Corinto se tratavam os Jogos Ístmicos, em honra de Apolo, o deus das águas. Em Argos ocorriam os Jogos Nemeus, em honra a Zeus. Nada se equivalia, porém, ao evento soberbo e piedoso de Olímpia. (LANCELLOTTI; 2000; p.1)

Mesmo não se conhecendo exatamente a origem do evento, sabe-se que na Velha Grécia o calendário era medido por um intervalo de quatro anos, batizado de olimpíada. A expressão foi criada em Olímpia, lugar sagrado onde mais tarde os atletas recebiam as premiações das competições. Segundo Armando Freitas e Marcelo Barreto, em seu livro *Almanaque Olímpico Sportv* (2008; p.18), há três versões mais populares sobre como os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga nasceram:

A primeira é de que Pélope, primogênito do rei de Lídia, seria o criador dos jogos. Depois que se apaixonou por Hipodâmia, filha de Enomao (rei de Pisa), teve que participar de uma corrida de quadrigas contra o rei na tentativa de conquistar a mão de sua amada. Porém, essa proeza já havia sido tentada por 13 pretendentes e sem sucesso. Além disso, o castigo pela derrota era a morte. Nessa mesma história ainda há duas versões para vitória de Pélope: em uma ele recebeu a proteção de Poseidon, ganhando um carro de ouro com cavalos alados e derrotando Enomao. A outra é de que subornou um criado do rei para que ele sabotasse seu carro. Após a derrota o pai de Hipodâmia

ficou tão abalado que se suicidou. Os jogos teriam sido criados então em sua homenagem.

A segunda versão é de que o criador foi Heracles (que tem seu nome traduzido em alguns países como Hércules). Que ao cumprir um dos 12 trabalhos, o de limpar o estábulo de Augias (rei de Elis), teve que desviar o curso dos rios Alfeu e Cladeu, cujo encontro seria em Olímpia, e que como recompensa receberia 12 cavalos. Como não recebeu a gratificação vingou-se matando toda família real e criou os jogos em celebração ao seu feito. Já a terceira versão também credita Hércules como autor. Porém desta vez ele teria organizado uma corrida de bigas entre quatro irmãos para homenagear Zeus, tendo como prêmio um ramo de oliveira (símbolo de Atenas).

Mesmo sem um consenso sobre a origem dos jogos, há registros de vestígios encontrados por arqueólogos que presumem a data dos primeiros jogos. Grande parte dos historiadores defende a criação dos jogos em 776 a. C, outros dividem os jogos antigos em três fases: os primeiros jogos teriam sido homenagens funerárias, tendo 16 edições que tiveram fim com a dominação dórica; depois os jogos foram restaurados em 884 a. C por Ífito, rei de Élis, que ao consultar o Oráculo de Delfos sobre como acabar com a guerra e foi orientado a restabelecer os Jogos de Olímpia. Foi assinado um acordo entre Élis, Pisa e Esparta declarando trégua durante a realização dos jogos (a cada quatro anos), também com 16 edições.

Por volta do século IX a.C., os jogos sofreram uma decadência, mas acredita-se que eles foram renovados pelo Rei Ifitos de Élida e nessa época se adotou a prática de decretar uma trégua temporária entre todos os estados guerreiros da Grécia. Essa paz olímpica devia durar por um período de três meses antes dos Jogos, cuja duração, nessa época, era de cinco dias, e por tempo suficiente após seu término para permitir que os participantes voltassem às suas pátrias em segurança. (MENDES; p. 11)

Chegamos à fase que a maioria dos autores credita como primeira edição dos Jogos Olímpicos, 776 a. C. Os jogos foram novamente retomados com a realização de apenas uma prova, a corrida do *stadion* (distância de 60 pés gregos, medidos,

segundo a lenda, por Heracles), que teve como vencedor Koroibos, um cozinheiro e cidadão de Élis. Com o decorrer do tempo outras modalidades foram introduzidas no certame, segundo Inezil Penna Marinho, na Enciclopédia Delta- Larousse (1960; p. 4991).

A participação nos jogos era restrita. Só podiam participar homens livres, de ascendência helênica pura, de reputação e costumes puros. Posteriormente autorizou-se a participação de romanos, que, oficialmente não eram considerados como bárbaros. A presença de mulheres era proibida, tanto nas competições, quanto na platéia. Qualquer corrupção por parte dos arbitros ou participantes era punida com chicotes. Era proibido também rebelar-se em público contra as decisões dos juízes.

Graças a uma trégua rigorosamente respeitada, mesmo os povos eventualmente inimigos inscreviam seus campeões que viajavam distâncias gigantescas sem nenhum risco de molestamento ou represália, na ida ou no retorno. Tratava-se entretanto, de jogos estritamente masculinos. Entre as mulheres somente se permitia a entrada no estádio das sacerdotisas de Hera, damas solteiras e responsáveis pela chama abençoada de Olímpia, integrantes da cerimônia de abertura e avalistas de um juramento... (LANCELLOTTI, 2000; p.2)

Quem se consagrava campeão era tratado como um grande homem, um quase deus. Os antigos gregos acreditavam que os atletas recebiam suas forças dos heróis que morriam. Após consagrar-se campeões os atletas eram recebidos com glória em suas cidades, recompensados com privilégios, como isenção de impostos. Para alguns desses ganhadores eram erguidas estátuas em sua homenagem, ou até mesmo serviam como inspiração para versos.

“No começo os vencedores dos Jogos recebiam apenas simples coroas de ramos de oliva como prêmio. Aos poucos, porém, eles começaram a receber recompensas de valor cada vez maior e isso contribuiu para que os Jogos se corrompessem”. (MENDES; p.12)

Os Jogos Olímpicos Antigos tinham um caráter mais religioso do que puramente disputas esportivas. Os atletas competiam para servir os deuses. Além disso, a cerimônia de premiação era vista quase como um ritual onde somente os campeões se reuniam e tinham seus nomes chamados um a um, seguidos do país e cidade de origem.

Os jogos tinham significado religioso, já que os atletas competiam em honra de Zeus, o principal deus dos gregos. Havia também orientação política: as cidades gregas interrompiam as guerras entre si, durante as disputas. A sede era em Olímpia, cidade da Élide, onde estava o santuário de Zeus. (TURCO, 2006, p.7)

Algumas tradições de hoje são herança da antiguidade, como a tocha olímpica. Os gregos acreditam que a história da humanidade começa com fogo, e conta-se que Prometeu trouxe o fogo para a terra tornando- o elemento básico da natureza. Representa a razão, o esclarecimento, a liberdade e a criatividade humana. Durante o período dos jogos as chamas permaneciam acesas nos templos de Zeus e Hera. A tradição foi reavivada nos Jogos da Era Moderna pela primeira vez em Amsterdã, em 1928.

Para marcar o início da cerimônia, sacerdotisas acendiam uma chama no altar de Hera, a filha de Rhea e a irmã de Zeus. Rapazes das várias estirpes da cidade competiam, em uma corrida a pé, pelo privilégio de carregar uma tocha, com a chama abençoada do altar, até o palco montado junto ao templo de Zeus. (LANCELLOTTI; 2000; p.1)

3.2- OS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS

Em 149 a. C a Grécia foi invadida, tornando- se parte do Império Romano. O que gerou conflitos culturais e fez com que os jogos fossem se modificando até perder sua característica original, de competições onde a prestígio pessoal era o que importava. Já em 393 d. C., o imperador Teodósio converteu- se ao cristianismo e proibiu qualquer exibição esportiva, por se tratar de um mito pagão. Entre 393 e 1896 o

esporte não se perdeu em outras partes do mundo, e o registro do nascimento e popularização do futebol e o boxe, por exemplo, fez com que surgissem as editorias de esportes nos jornais.

O renascimento dos Jogos Olímpicos na era moderna começou a ganhar vida em 1880, quando o Barão Pierre de Coubertin querendo levantar a França abatida pela derrota de 1870, buscou conhecer o motivo da vitalidade anglo-saxônica. Após regressar da Inglaterra ele estava convicto sobre a importância do esporte na formação acadêmica e educativa. Coubertin dedicou-se aos estudos por muito tempo e como professor realizou pesquisas sobre os exercícios físicos no mundo moderno. Seu empenho rendeu o apoio de políticos e cientistas e resultou na criação da liga de Educação Física no sistema de ensino francês.

Com a intenção de ampliar seu ideal da educação esportiva por todo o mundo, em 1892, na Universidade de Sorbonne durante a sessão da Associação Francesa de Esportes Atlético-sobre o esporte moderno, o Barão encerrou sua palestra com uma novidade de impacto: a ideia da restauração dos Jogos Olímpicos. (COLLI, 2004; p. 11)

Dois anos após dividir seu desejo de restabelecer os Jogos Olímpicos, o Barão de Coubertin organizou um Congresso cujo objetivo seria regularizar o esporte amador, mas que na verdade debateu a restauração dos Jogos. Em 23 de junho de 1894, foi dado o pontapé inicial daqueles que ficariam conhecidos como Jogos Olímpicos da Era Moderna, no evento que contou com a presença de representantes de onze países e ficou conhecido como Congresso Olímpico. Seu entusiasmo e sentimento revanchista contagiaram os congressistas presentes, que testemunharam a criação do modelo de jogos que hoje é realizado.

A partir deste momento ele lançou os princípios para a restauração dos Jogos: celebração de quatro em quatro anos como na Antiguidade; modernização do programa esportivo; rotatividade dos Jogos entre as principais cidades do mundo; exclusão das provas infantis e escolares; a criação do Comitê Olímpico Internacional- COI e a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna no ano de 1896, em Atenas. (COLLI, 2004; p. 11)

O objetivo do Barão era criar uma nova ideologia, não somente reeditar os jogos. Por isso apresentou a Carta Olímpica, onde deixou registrado o que ele nomeou de Olimpismo, uma filosofia de vida moldada pela prática de esporte inserida na educação. Esta carta também foi apresentada durante o Congresso Olímpico.

O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina num conjunto harmônico as qualidades do corpo, a vontade e o espírito. Ao associar o Esporte com a cultura e a educação, o Olimpismo se propõe a criar um estilo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo e no respeito pelos princípios éticos universais. O objetivo do Olimpismo é colocar sempre o esporte a serviço do desenvolvimento harmônico do homem, com o fim de favorecer o estabelecimento de uma sociedade pacífica e comprometida com a manutenção da dignidade humana. (FREITAS E BARRETO; 2008, p. 24)

Engana-se quem pensa que o apoio dos presentes no Congresso foi suficiente para garantir a realização e o envio dos atletas para os Jogos Olímpicos de Atenas- escolhida quase que por unanimidade para ser a primeira sede das olimpíadas modernas. A situação econômica da Grécia era delicada, o que fez surgir a hipótese de que os jogos fossem adiados para dali a quatro anos. Não fosse a estima que conquistou com príncipe regente Constantino, que patrocinou a criação do Comitê Organizador dos Jogos (em 12 de novembro de 1894) e tornou- se grande entusiasta na busca de donativos.

O Comitê Olímpico Internacional (COI) é a autoridade máxima do Movimento Olímpico. O Almanaque Olímpico Sportv destaca a importância e apoio que o COI tem em todo mundo: “O COI tem cerca de 205 Comitês Olímpicos Nacionais afiliados, um número maior do que o de países na Organização das Nações Unidas (ONU)”, (2008; p.28). Sua função é coordenar os jogos segundo os preceitos da Carta Olímpica. No Brasil temos o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que é responsável pela participação brasileira nos Jogos e por organizar eventos que prestigiam os jogos, como as Olimpíadas Escolares.

Na reta final para a abertura dos jogos, Coubertin dedicou seus esforços em convocar o maior número de atletas em todo mundo. Curiosamente a França não investiu no envio de equipes para participar dos jogos. Os Estados Unidos, mesmo atribuindo o êxito dos jogos em grande parte ao professor Sloane, enviou atletas. O Chile foi o único representante da América do Sul. Ao todo foram 14 países, no total foram 241 atletas. “Embora um grande número de nações (34 ao todo) tivesse apoiado a Conferência de Paris de 1894, apenas 12 enviaram delegações à Grécia” (MENDES; p.15).

O Estádio Panathenaic foi escolhido como palco dos jogos de Atenas. A cerimônia de abertura, no dia 6 de abril de 1896, foi marcada por salva de canhões e o hino olímpico (executado em todas as edições olímpicas) foi ouvido pela primeira vez. O primeiro campeão olímpico foi o norte- americano James B. Connolly, na prova de Salto Triplo. Grande parte do ritual realizado na cerimônia de abertura veio da primeira edição dos jogos, como o desfile da delegação grega antes dos outros países participantes e a revoada de pombos. As solenidades de hoje tornaram- se verdadeiros shows, onde o país sede tem a oportunidade de mostrar sua história para o mundo inteiro.

A abertura coincidiu com o domingo de Páscoa, depois da inauguração de uma estátua em homenagem a Georgius Averoff, o financiador do estádio da cidade. Diante de 100 mil espectadores, o príncipe Constantino fez um discurso de saudação aos participantes. Seu pai, o rei George 1, proclamou os jogos oficialmente instalados e homenageou o barão de Coubertin com uma coroa de louros. Como na velha Hellas, outras 10.000 pessoas se aboletavam nas árvores da vizinhança. Mais 10.000 se apinhavam nos portões das edificações. (LANCELLOTTI, 2000; p.8)

O encerramento da primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos foi realizado no dia 15 de abril de 1896. Podemos dizer, que, na verdade, foi uma cerimônia de premiação. O rei Jorge I entregou medalhas e coroas de folhas de oliva e louros aos vencedores. Depois, os atletas- liderados pelo ganhador da maratona- deram uma volta

de honra no estádio, o que podemos atribuir como a primeira volta olímpica da história dos jogos.

Quatro anos depois (1900), a segunda edição do jogos foi realizada em Paris. Sem apoio do governo francês os jogos tiveram que ser adaptados e foram chamados de “Concursos Internacionais de Exercícios Físicos e Esportes” e incluídos como parte da Exposição Universal (COLLI; 2004; p.19). Os jogos tiveram duração de seis meses, servindo como distração para os visitantes da exposição. Até mesmo disputas como cabo de guerra e corrida de sacos foram introduzidas na programação.

Os jogos de Saint Louis também foram um evento paralelo a uma feira de negócios, *Louisiana Purchase Exhibition*. Porém tornou-se importante pela aceitação da participação de mulheres nos jogos, contrariando o gosto do próprio Barão de Coubertin. Além disso, foi nesta edição que as medalhas de ouro passaram a ser o prêmio para o primeiro colocado, que antes recebia a medalha de prata. O segundo lugar ganhava a medalha de bronze e o terceiro levava apenas uma medalha de participação.

Os jogos também se desenvolveram de maneira muito longa e nada lógica, num intervalo de cerca de cinco meses. Pior ainda, continuavam caríssimas e exaustivas as viagens transoceânicas. Os jogos de St. Louis não atraíram muito. Somente dez nações inscreveram, além dos anfitriões e do vizinho Canadá. Os 625 atletas em ação, 619 homens e seis mulheres, corresponderam a pouco mais da metade dos contadores de Paris. (LANCELLOTTI, 2000; p.31)

Com o passar das edições os jogos foram se tornando mais conhecidos, despertando o maior dos atletas em participarem. O crescimento também foi fruto de uma melhor organização. Os Jogos Olímpicos de Berlim (1916) foram cancelados por causa da Primeira Guerra Mundial. Retomados em 1920, em Antuérpia, o jogos contaram com a primeira participação brasileira nas Olimpíadas.

O Brasil terminou em 15º lugar e voltou pra casa com três medalhas, uma de cada posição. “O Brasil, representado por 24 homens, debutou nos jogos e

voltou pra casa com três medalhas, uma de cada posição no pódio, todas obtidas nas provas de Tiro Esportivo, terminando na décima quinta posição no quadro de medalhas, sua melhor colocação até hoje” (Eduardo Colli, Universo Olímpico; 2004; p. 24). Desde então o melhor desempenho da delegação brasileira foi em Atenas, 2004, ficando em 16º lugar e conquistando cinco ouros. Nas Olimpíadas de Londres obtivemos o melhor desempenho quanto ao número de medalhas, no total de 17 medalhas, porém sendo a maioria de bronze.

Avançando algumas edições dos jogos, chegamos aos Jogos de Berlim (1936). Enxergando a grande oportunidade de propagando que as Olimpíadas ofereciam, Hitler demonstrou tolerância ao aceitar o filho de um judeu no cargo de presidente do Comitê Organizador, e garantiu a realização de jogos democráticos. Mais de trinta milhões foram investidos, resultando na construção de uma Vila Olímpica com capacidade para abrigar mais de quatro mil atletas.

Foi na cerimônia de abertura dos Jogos de Berlim que a bandeira olímpica foi hasteada pela primeira vez. Criada pelo próprio Barão de Coubertin é formada por cinco anéis coloridos e entrelaçados, representando os cinco continentes do mundo, unidos pelo Olimpismo. A bandeira deve permanecer no mastro durante todo o período dos jogos e só deve ser rebaixada na cerimônia de encerramento. Essa prática foi batizada de “Cerimônia de Antuérpia” e perdura até hoje.

Depois do grande revezamento da tocha de Olímpia a Berlim, o atleta alemão Fritz Sghilgen acendeu a pira olímpica, ponto alto da perfeita cerimônia de abertura- no dia 1º de agosto-, quase uma parada militar, na qual desfilaram 4.066 atletas de 49 países, marcada ainda pelo dirigível Hindenburg, portanto uma grande bandeira olímpica e pelas breves palavras de abertura protocoladas por Hitler e epal emocionante presença do grego Spiridon Louis, o primeiro vencedor da Maratona em Atenas. (LANCELLOTTI, 2000, p.28)

A delegação brasileira presente em Berlim não trouxe medalhas, esta foi a ultima vez que isso aconteceu. Aqui, o rádio fazia o seu papel de informar seus

ouvintes, e a Rádio Nacional anuncia que vai trazer informações diretamente da capital Alemã: “... a Hora do Brasil iria transmitir do stadium de Berlim e seus anexos, em português, o desenrolar e o resultado de todas as provas das Olimpíadas de 1936” (Luiz Carlos Saroldi e Sônia Virgínia; Rádio Nacional: O Brasil em sintonia; 2006, p.28). Foi também nesta mesma olimpíada que houve a primeira transmissão dos jogos pela televisão.

Nas Olimpíadas de 1936, na Alemanha, a televisão foi utilizada pela primeira vez para realizar uma transmissão ao vivo. Como nessa época nem todas as pessoas tinham o aparelho em casa, o governo montou vinte e uma salas públicas com tevês para que os alemães pudessem assistir aos Jogos Olímpicos. (FERNANDES, 2007, p.3)

Em decorrência da Segunda Guerra Mundial os Jogos de 1940, programados para ser em Tóquio, no Japão e 1944, planejado para Londres, foram cancelados. Abalados pela recente experiência na guerra, principalmente financeiramente, os britânicos ficaram receosos em aceitar a organização dos Jogos de 1948. O que facilitou a realização do evento foi a determinação de que os jogos durassem apenas quinze dias, já que antes se estendia por meses até (LANCELLOTTI; 2000; p 223). Foi nesta edição que surgiu a inspiração para a criação das Paraolimpíadas, quando o médico Ludwig Gutmann organizou uma competição com veteranos da Segunda Guerra Mundial na cidade de Stoke Mandeville.

Foi primeira competição para atletas com deficiência. Aconteceu no dia 29 de julho de 1948 – data exata da cerimônia de abertura da Olimpíada de Londres. Já a primeira edição das Paraolimpíadas foi em 1960 nos Jogos de Roma. Contou com a participação de 23 países e 400 atletas. “Hoje, o certame, para deficientes, já é o segundo maior evento esportivo do mundo, perdendo apenas para os Jogos Olímpicos” (DUARTE; p.315). As paraolimpíadas são realizadas duas semanas após as Olimpíadas e no mesmo país sede. O Comitê Paraolímpico Internacional, fundado em 1989,

trabalha juntamente com o Comitê Olímpico Internacional na organização e realização dos jogos.

Outro marco durante as Olimpíadas de 1960 se refere às transmissões esportivas. “Os Jogos começavam a se tornar o megaevento dos dias de hoje, com transmissão pela TV para mais de cem países e recorde na participação- pela primeira vez, o número de atletas passou de 5 mil, representando 83 países, mais que os membros da ONU na época” (FREITAS E BARRETO; 2008; p.85). Porém alguns autores creditam que apenas 37 países acompanharam as transmissões.

Detalhe: pela primeira vez na história a televisão testemunhou diretamente a inauguração dos Jogos e parte das suas disputas. Preciosos 37 países se conectaram às ondas da RAI, a emissora estatal da Itália. Em alguns casos, as transmissões, ineditamente, aconteceram em cores, pelo sistema Secam, que até hoje predomina na Bota. Já houvera a presença da TV em Melbourne, nos Jogos de 1956. Naqueles tempos, contudo, não existiam satélites espaciais e, por isso, as exibições se limitaram à cidade sede e seus entornos. De Roma, formidavelmente, através das microondas, as transmissões viajaram extensivamente na Europa inteira. (LANCELLOTTI, 2000; p. 321)

A transmissão dos jogos pela televisão foi um grande marco na história das Olimpíadas. Com o avanço das tecnologias e uso de satélites para transmissão de televisão ao vivo em todo o mundo em 1964, permitiu que pessoas espalhadas em todos os cantos do planeta pudessem acompanhar seus atletas. Foi também neste mesmo ano que a TV de alta definição (High-Definition Television) começou a nascer no Japão, que realizava a transmissão dos Jogos de Tóquio já em cores, e que depois realizaria as primeiras transmissões em HD nas Olimpíadas de Seul, em 1988.

Os Jogos de 1968, na Cidade do México, foram os primeiros da história com controle anti- doping. Na edição seguinte em Munique, no ano de 1972, os jogos ficaram marcados pela construção do, até então, mais bonito e funcional conjunto de instalações esportivas para uma Olimpíada (Eduardo Colli; 2004; p.34), mas

principalmente pelos atentados que terminou com 11 mortos e competições suspensas por 34 horas, pela primeira e única vez até hoje.

A imagem mais marcante dos Jogos de Monique é a de um homem na varanda de um prédio da Vila Olímpica. Não era um atleta e não usava uniforme, mas sim capuz. Tratava-se de um dos oito terroristas árabes do grupo Setembro Negro que invadiram o alojamento da delegação de Israel, no número 31 da Connollystrasse. Os dois primeiros a notar a invasão: o técnico de luta Greco-romana Moshe Weiber, que também era agente do serviço secreto, e o halterofilista Joseph Romano- foram mortos no local. Os outros nove ocupantes do apartamento foram feitos reféns. Era o começo do episódio mais triste da história dos Jogos Olímpicos. (FREITAS E BARRETO; 2008, p.96)

As Olimpíadas realizadas nas décadas de 70 e 80 foram marcadas pelos “boicotes” de delegações de alguns países aos jogos. O motivo, questões políticas, indo de desentendimento aos valores do olimpismo. Em Montreal, 1976, um grupo de 32 países, sendo 24 africanos, decidiu pela não-participação nas competições. “Usando argumento de que a Seleção de Rúgbi da Nova Zelândia tinha disputado uma partida contra a África do Sul, o ditador Idi Amin retirou a delegação de Uganda dos Jogos” (COLLI; 2004; p.36) o exemplo foi seguido por todos os países do continente. Na década seguinte, os Jogos de Moscou (1980) e de Los Angeles (1984) foram marcados por dois boicotes: na hoje capital da Rússia, em protesto à invasão soviética ao Afeganistão, os americanos convocaram delegações do mundo todo a não participarem daquela edição; como consequência, os soviéticos se recusaram a participar da Olimpíada seguinte, em solo americano.

Nos anos 90 vivenciamos a primeira Olimpíada da era da internet, os Jogos de Atlanta em 1996. “A grande rede de computadores já era uma realidade em 1996 e, pela primeira vez, os resultados das competições foram publicados online” (Freitas e Barreto; 2008; p. 118). O advento da internet contribuiu para a visibilidade cada vez maior dos jogos fez com que o olhar financeiro despertasse. O movimento

olímpico de hoje é financiado por grandes marcas de patrocinadores e pela comercialização dos direitos de transmissão dos jogos.

Os primeiros jogos do novo milênio, em Sidney (2000), foram marcados pela preocupação da humanidade com a ecologia. Foi o que podemos chamar de Jogos Olímpicos Verdes, já que duas das principais estruturas construídas para o evento eram abastecidas por energia solar (Freitas e Barreto; 2008; p.126). “Com receitas brutas de US\$ 2,6 bilhões, o lucro dos Jogos foi de US\$ 798 milhões”, sendo considerados os melhores Jogos Olímpicos da era moderna (COLLI; 2004; p.41).

Desde então houve uma grande evolução nos meios de comunicação e também na realização dos jogos, que hoje são verdadeiros espetáculos vistos em tempo real por todo o mundo. Os Jogos Olímpicos de Londres (2012) foram um dos maiores da história dos jogos. Foram 17 dias de competição, 205 países participantes e 10.500 atletas. Quanto aos investimentos, as despesas do governo inglês bateram a marca de R\$ 29,6 bilhões (FOLHA UOL). Já o COI obteve grande lucro com a negociação dos direitos de transmissão dos Jogos, redendo 16 bilhões ao comitê organizador (PORTAL R7). Para se ter ideia só a Record pagou 60 milhões de dólares pela exclusividade nas transmissões.

4- O ESPORTE E A MÍDIA

A exclusividade nas transmissões esportivas é algo que está sempre em debate, principalmente quando envolve a televisão. Essa discussão adentrou caminhos estranhos depois da divulgação de que a Rede Globo, que transmitiu os Jogos Olímpicos pela primeira vez em 1972 e desde então sempre o fizera com exclusividade, perdeu o direito de transmissão das Olimpíadas de Londres 2012 para a concorrente, Rede Record, que faria então sua estréia em coberturas olímpicas.

4.1- OS DIREITOS DE TRANSMISSÃO DAS OLIMPÍADAS

O que poderia significar uma quebra no monopólio das transmissões esportivas acabou gerando certa desconfiança, já que o público se acostumou com as transmissões feitas pela Rede Globo. Do ponto de vista democrático não representa uma grande mudança ao acesso à informação, visto que houve apenas uma troca de exclusividade. Essa alternância de direitos de transmissão pode representar um avanço na busca por uma democracia nas transmissões e o direito à informação, previsto no artigo 5º, incisos XIV, XXXIII e XXXIV “b” da Constituição Federal.

É assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional; todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado; são a todos assegurados, independentemente do pagamento de taxas: a obtenção de certidões em repartições públicas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações de interesse pessoal. (DE OLIVEIRA, 2004, p.22)

Porém, sem um marco regulatório atualizado, é muito difícil proteger os direitos dos envolvidos, seja o jornalista na tentativa de exercer seu direito de informar, seja a população, querendo ser informada.

Com um código de 1962, o seu decreto regulador sendo do regime militar e uma lei de imprensa também do regime militar (esta com vários artigos inconstitucionais, dadas as menções explícitas à censura), há um consenso acerca da inaplicabilidade de diversos artigos das legislações citadas, de modo que em se tendo leis que não podemos utilizar, na verdade não temos lei nenhuma. Essa espécie de mercado livre, onde tudo é permitido, acaba sendo muito interessante para aquelas empresas com um longo histórico de direitos adquiridos no setor (e, portanto, de posições cristalizadas), porém, extremamente nociva para a sociedade como um todo. (DE SOUZA, p10)

Esse monopólio nas transmissões esportivas não é novidade desse mundo globalizado onde comunicação é, também, negócio. Essa prática surgiu há algumas décadas atrás, ainda quando o rádio engatinhava com as primeiras transmissões de partidas de futebol. Já no Brasil, em 1934, dirigentes começaram a ver no rádio uma nova fonte de renda, decidiram então proibir as transmissões alegando que isso fazia com que o público não comparecesse ao estádio, mas era o começo das negociações de venda da exclusividade de transmissão.

A decisão de vender os direitos exclusivos de transmissão dos jogos disputados em qualquer estádio de São Paulo gerou protestos de toda a mídia da época. Em pouco tempo descobriu-se a verdadeira razão para que os clubes tomassem essa atitude. Em troca da exclusividade, Alberto Byington, dono da poderosa empresa, garantia aos clubes iluminação de seus estádios a preços bem camaradas. (RIBEIRO, 2007, p.86)

Nas Olimpíadas, a venda de direitos de transmissão surgiu, na verdade, como solução para a crise pela qual se encontrava os Jogos. Hoje é difícil imaginar que estivemos perto de perdê-los. Após a tragédia nos Jogos Olímpicos de Monique, em 1972, quando terroristas palestinos mataram 11 membros da equipe de Israel, muitos acreditaram que não haveria outras edições e que as competições estariam com os dias contados. Para os críticos os Jogos eram demasiadamente políticos e caros demais.

Em meio a crise financeira e boicotes, Juan Antonio Samaranch, assume o Comitê Olímpico Internacional- COI, em 1980. Alguns dias depois de se tornar

presidente, presenciou o pior momento em toda história dos Jogos desde sua criação. Em resposta ao apelo do então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, 65 nações decidiram por retirar-se das competições. Foi um verdadeiro fiasco, já que sem equipes completas as pistas de atletismo ficaram vazias.

Com o fim das Olimpíadas de Moscou, surgiram rumores de que a Organização das Nações Unidas- ONU- assumiria o controle dos jogos, por julgar que o COI havia fracassado. Mas Samaranch estava empenhado em mudar esse quadro. Por duas décadas dedicou seus esforços em três esferas: criação de uma Comissão para Novas Fontes de Financiamento, a busca por uma relação mais intimista com os representantes políticos e o conceito de que o Movimento Olímpico é maior que qualquer pessoa ou grupo isolado, e deveria representar a unidade.

“Durante as duas décadas seguintes, Samaranch e o COI partiram para a conquista desses objetivos de unidade, estabelecimento de uma agenda e independência financeira e força do Movimento Olímpico. Naturalmente, na realidade, esses três elementos estão inextricavelmente ligados. Finanças fortes permitem o estabelecimento de uma agenda, e assim por diante; e o que se conquistava geralmente era um pouco diferente da meta inicial- como ocorre na vida das empresas-, mas era substancial e importante.” (PAYNE, 2006; p.31)

No lado financeiro houve uma melhora significativa, e representou o início dos grandes investimentos, principalmente das emissoras de TV, pelas transmissões dos jogos. Embora os direitos de transmissão exclusiva das competições por emissoras de televisão viessem sendo negociados, até então, há bastante tempo, após os Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles, as negociações passaram a ser mais abrangentes, difíceis e lucrativas. O novo modelo implantado, de ofertas em envelopes fechados, é o mesmo realizado até hoje para escolha das emissoras.

“O processo é simples: cada uma das redes deve entregar um envelope selado com uma oferta ao COI. Foi o primeiro grande teste da estratégia de Samaranch para tornar o COI financeiramente independente. Ele dedicou três anos anteriores à criação de um ambiente que pudesse produzir uma transação comercial capaz de deslançar sua nova estratégia de marketing guiada pelas transmissões para TV. Aquela nuvem preta que pairava sobre os direitos de transmissão depois de Moscou dissipou-se, uma vez que mudanças dentro da indústria da transmissão televisiva prometiam negócios mais lucrativos. As emissoras começaram a perceber a poderosa força dos esportes.” (PAYNE, 2006; p.37)

Em 1980 os direitos de transmissão para os Jogos de Verão e Inverno somaram a marca de US\$ 121 milhões. Nas Olimpíadas de Londres os lucros chegaram à US\$3,9 bilhões. Já as emissoras brasileiras, para transmitir o maior evento esportivo do mundo a Rede Record pagou nada mais nada menos que US\$60 milhões para o COI, enquanto a Rede Globo ofereceu e perdeu os Jogos de Londres com a oferta de US\$48 milhões. Valor significativamente maior se comparado ao investimento feito em 2008, quando pagou US\$12 milhões pela transmissão dos Jogos de Pequim.

Há de se ressaltar que o COI preza por negociar com emissoras abertas para garantir o maior alcance de público, defendendo que o acesso para todos está no âmago do movimento olímpico. Não há dúvida que as negociações de direitos exclusivos de transmissões das Olimpíadas além de lucrativos investimentos para o COI e as emissoras, são também vantajosas para os atletas envolvidos. Uma vez que, durante as competições há maior visibilidade do atleta, possibilitando aumento nos patrocínios e até mesmo investimento na profissionalização de algumas práticas esportivas, sobretudo dos esportes olímpicos, que em sua maioria ainda tem pouca visibilidade e incentivo.

A emissora que não detém os direitos de transmissão dos jogos, além de não ter direito às imagens do evento, não pode sequer entrar nos estádios e arenas onde as disputas são realizadas. A Rede Globo destacou em sua programação que iria seguir as regras definidas pelo ¹COI.

¹ O Comitê Olímpico Internacional define regras para quem não detém direitos de transmissão. Nos anexos a nota de explicação da Rede Globo sobre como iria respeitar essas regras.

4.2- VALOR- NOTÍCIA

Ao olhar a relevância da mídia no contexto social e sua influência como formadora de opinião e de saberes, e principalmente, dentro da proposta deste projeto, iremos discutir alguns conceitos que serão aplicados no estudo de caso no próximo capítulo. Para se ter noção da importância da mídia no papel de informar, podemos dizer que ela funciona como um elo entre o acontecimento e o público. Servindo assim, para filtrar, explicar e interpretar, juntamente com o receptor, o funcionamento do meio social.

Os meios de comunicação de massa afetam os processos cognitivos das audiências porque oferecem junto com os relatos dos acontecimentos, modelos de representação do que acontece e de como estes devem ser lidos. Na passagem dos demais campos pelo campo midiático se realizam as mediações propostas por Serrano. Na seleção dos acontecimentos se dá a mediação institucional. Na relação entre os agentes se dá a mediação estrutural. O campo da mídia informa aos demais campos seu modelo de produção de comunicação e os agentes dos demais campos que querem ter a visibilidade devem submeter-se à sua lógica. (BERGER, 2008, p.7)

Um fator a ser apresentado é quanto ao conteúdo das informações, no caso as competições, já que o que é divulgado e transmitido na maioria das vezes é aquilo que dá audiência. Sendo assim entramos na discussão entre o *interesse público*, que contribui para a formação da cidadania, sendo útil individualmente e coletivamente, referindo-se à sociedade. Já o *interesse do público* refere-se à informações destinadas a satisfazer a curiosidade mais imediata do receptor, seja ela dramática, incomum ou mais específica.

A partir da categoria valores- notícia, que trata dos critérios de noticiabilidade, essa distinção em relação à informação midiática também pode ser idealizada como notícias importantes, as que são de interesse público, e notícias

interessantes, que se destinam ao interesse do público, conforme Correia (1997, apud HATJE e BIANCHI, 2006). Então, dentro dessa definição, podemos identificar características próprias de cada nomenclatura.

Quando se fala em Importância ou Interesse Público, remete-se a um certo caráter objetivo dos acontecimentos noticiados, as características substantivas das notícias. Esses acontecimentos para serem veiculados devem seguir alguns critérios como: a) posição hierárquica; b) influência sobre o interesse nacional (que compreende aspectos como: proximidade geográfica, psicológica, temporal, sócio-profissional, sócio-cultural e política - ideológica); c) número de indivíduos envolvidos no acontecimento; d) relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação. (CORREIA apud Bianchi e Hatje)

Já quando se fala em Interessante ou Interesse do Público leva-se em consideração a capacidade deste em aguçar a curiosidade, criar expectativa, prender o imaginário e despertar a atenção do público.

Esses acontecimentos para serem veiculados devem apresentar critérios como: a) história de gente comum b) homem/ mulher público surpreendido c) história em que se verifica inversão de papéis; d) história do interesse humano; e) histórias de feitos excepcionais e heróicos. (CORREIA apud Bianchi e Hatje)

O esporte é, sobretudo, entretenimento. Isso vale tanto para quem pratica quanto para quem acompanha. No meio termo está o jornalismo esportivo, que com suas transmissões nos megaeventos esportivos deve trazer notícias interessantes/informação de interesse do público, como as solenidades da festa de abertura, quanto notícias importantes/informação de interesse público, como quadro de medalhas, resultados e conhecimentos sobre as modalidades, uma vez que diz respeito a todos brasileiros, que são representados por esses atletas.

As informações veiculadas são formadas pelos valores- notícia que definem se o fato é ou não notícia e o grau de importância que será dado a ele. Assim, chamamos de valores- notícia as qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Segundo Correia (1997), os valores-notícia referem-se: ao conteúdo da notícia; ao produto informativo; ao meio de comunicação; ao público e a concorrência. (BIANCHI E HATJE; 2006; p.167)

O esporte há algum tempo, é inserido no campo do espetáculo e do entretenimento de massa, resultando em um maior desafio no fazer jornalístico. O jornalismo esportivo tem colaborado mais para a construção de ídolos e mitos do espetáculo esportivo, do que exercer seu desígnio profissional, que é informar com ética aquilo que é do interesse público (BARBEIRO; RANGEL, 2006, apud GURGEL, 2009).

Durante as Olimpíadas ainda não ocorre uma mobilização tão grande quanto durante a Copa do Mundo de futebol masculino, mas podemos notar uma evolução por parte dos telespectadores e também da imprensa. Talvez por não termos tanta tradição- se traduzindo em medalhas- na maioria dessas modalidades, diferentemente do que acontece no futebol- onde ainda vangloriamos o maior número de títulos-, a cobertura realizada desses esportes predomina em tempos de megaeventos esportivos, como no caso das Olimpíadas de Londres. Guedes afirma que: se qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva através das vitórias, apenas o futebol o faz permanentemente, nas vitórias e nas derrotas (1998:41 apud GURGEL, 2009).

Diante do novo contexto em que o jornalismo esportivo está inserido, onde é visto como potencialmente lucrativo, há o impasse entre o tipo de jornalismo que deveria ser exercido, voltado à informação esportiva, e o que se vê preso a cobertura de esportes que trazem maior retorno financeiro, não dando espaço para práticas menos populares. Até mesmo o modo como essas coberturas são realizadas pode ser questionada, quando um fato esportivo é transformado em evento de entretenimento.

ele (o jornalismo esportivo) se confunde, frequentemente, com puro entretenimento. Isto, por seu lado, propicia o aparecimento de alguns poucos 'coroados' e o envolvimento com outras atividades incompatíveis com a prática do jornalismo, como agenciamento de publicidade, marketing e política privada dos clubes, federações, confederações e empresas. (GURGEL apud Barbeiro, Rangel; 2006, p.13)

Essa mistura de jornalismo e entretenimento, que toma conta da programação da televisão brasileira, pode ser encarada como um desafio a mais para o profissional da área, que em meio a tanto interesse financeiro deve buscar o equilíbrio entre o espetáculo esportivo, que precisa cobrir, e seu comprometimento com esportes- com caráter mais amador- que garantam acesso e participação de outra parcela da sociedade. É desse compromisso em informar com qualidade e ir além do futebol que Maluly propõe em seu livro.

Os jornalistas [esportivos] estão envolvidos na dura tarefa de cobrir os eventos [olímpicos] e, ao mesmo tempo, estarem atentos e desconfiados quanto à questão dos investimentos em infraestrutura, que envolve desde o desenvolvimento das várias modalidades, especialmente as pouco conhecidas [...], até a questão política de saber quem são os integrantes das comissões fiscalizadoras. (MALULY, 2010, p. 3)

Nesse universo de ações que desafiam o jornalista esportivo na apuração e escrita da informação, há ainda a esforço de repensar as formas da sua apresentação. Saindo do mesmo, que é jornalismo/entretenimento, para informar com clareza, isenção e responsabilidade social (GURGEL, 2009). Através do acompanhamento do trabalho jornalístico realizado durante as olimpíadas pretende- se avaliar até que ponto as emissoras cumpriram o desafio de informar.

4.3-COBERTURA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Antes de adentrar as discussões que permeiam os megaeventos esportivos e a cobertura realizada pela mídia, cabe destacar o que faz dessas competições megaeventos. Pela definição do Atlas do Esporte no Brasil, megaeventos são: aqueles eventos “cuja magnitude afetam economias inteiras e repercutem na mídia global”.

Neste mesmo raciocínio: por se tratar de evento com abrangência global, com grande destaque em termos de mídia, nível de envolvimento financeiro do setor público e efeitos políticos, há que se considerar aspectos relacionados não só ao mega evento em si, mas também, e talvez principalmente, a perspectiva dos seus possíveis impactos e legados (Gurgel apud Bozzetto).

Poucos acontecimentos têm a capacidade de reunir tantos profissionais da imprensa, de diferentes países, em um mesmo local, durante certo tempo, como os megaeventos esportivos. Não obstante, outro fato que merece reflexão é o poder que esses jogos exercem na programação dos veículos, principalmente da televisão, que abdica de seus programas para transmitir uma partida de vôlei ou uma final da natação. Essa relação mídia/ megaeventos esportivos é benéfica para ambos, uma vez que a televisão lucra com as transmissões e, no caso específico das Olimpíadas, os atletas e delegações com o marketing pessoal, já que se tornam mundialmente conhecidos.

Os esportes que não se adaptarem à televisão estarão fadados ao desaparecimento: da mesma forma, as televisões que não souberem buscar o acesso aos programas esportivos, jamais conseguirão sucesso financeiro e de público (SAMARANCH apud Nuzzman, 1996, p.15)

Fortalecendo ainda mais esta relação mídia e esporte, está o setor publicitário que investe dos dois lados, na medida em que percebe quão valioso é este casamento.

O esporte tornou-se um produto perfeito para satisfazer aos dois mercados da TV: os telespectadores, que cada vez mais consomem esporte (as maiores audiências da TV mundial são dos eventos esportivos), e o mercado publicitário, atraído pelas grandes audiências juntos aos seus públicos alvos (POZZI apud Mezzaroba, Messa e Pires, 1999, p.67)

Mais que grandes eventos e disputas esportivas, os megaeventos esportivos já tem embutido em seu planejamento todo um percurso de grandes acontecimentos. O ciclo olímpico é o melhor exemplo disso. Desde a seleção para sediar o evento até a realização efetiva das Olimpíadas há um caminho dourado a percorrer. A começar pelo

processo de escolha da cidade- sede (onde quem ganha é aquele que além de mostrar suas qualidades, sabe “maquiar os defeitos”) que termina com outro grande acontecimento: a cerimônia que anuncia a cidade escolhida.

Todas essas ações devidamente acompanhadas e divulgadas pela imprensa mundial corroboram para a construção do espetáculo principal, os Jogos Olímpicos. O esporte tido como espetáculo contribui para compreensão da ascensão dessa economia do entretenimento e a conseqüente espetacularização das notícias, tudo a serviço do desenvolvimento econômico das empresas televisivas e seus parceiros.

O jornalismo esportivos cada vez mais, tem buscado o sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo e o negócio. A criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no Esporte têm sido algumas das iniciativas do Jornalismo Esportivo na construção do espetáculo. (apud Gurgel, 2012; p. 10)

Dentro desse contexto os atletas, que em sua maioria chegam aos jogos como verdadeiros anônimos, vêem nas competições uma oportunidade de tornar-se mito e serem vistos como verdadeiros deuses. Bastando para tanto, desempenhar uma performance fora do comum como a quebra de um recorde.

Os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno e a Copa do Mundo de Futebol, eventos intercalados que monopolizam a atenção de milhões de espectadores ao redor do planeta, remetem algumas pessoas desconhecidas à condição de figuras públicas mundiais, dependendo, para isso, de um bom desempenho ou quebra de um recorde. (Rúbio, 2008, p.221, apud BOZZETTO)

Essa capacidade de mobilização e sentimentalismo aflorado que o esporte provoca é o que diferencia o jornalismo esportivo das outras editorias. Cientes da paixão do público pelo esporte a mídia promove uma identificação destes com os atletas a fim de transformar seus espectadores em consumidores, e atletas em mitos, que através de suas imagens vendem produtos e induzem ao consumo.

O esporte como espetáculo provoca outro fenômeno que diz respeito a como esses espetáculos são produzidos, ou melhor, reproduzidos. É como se na verdade

existissem dois acontecimentos simultâneos, tendo como exemplo a abertura das Olimpíadas: o primeiro seria a cerimônia assistida no local em que está sendo realizada e o segundo é a transmissão feita pelos meios de comunicação desta mesma cerimônia. Como se o espetáculo fosse produzido duas vezes, como explica Gurgel, citando Bourdieu:

Uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo o cerimonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio.

Uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos. (Bourdieu, apud Gurgel; 2012, p.6)

A partir desta reflexão podemos inferir que há, de fato, dois eventos distintos acontecendo. A cerimônia sendo realizada na arena e a cerimônia transformando-se em produto midiático. Desse modo, ao mesmo tempo em que a mídia presta um serviço, possibilitando que um número efetivamente maior de espectadores acompanhe a cerimônia (já que nem todos podem ir ao local de realização) ela também veicula um produto que muitas vezes não é a reprodução efetiva da cerimônia.

5-COBERTURA DAS OLIMPÍADAS DE LONDRES

Os meios de comunicação são a principal fonte de informação da população, especialmente durante eventos como os Jogos Olímpicos. Durante a 30ª edição dos Jogos, realizados em Londres, a Rede Record ganhou a disputa pelos direitos de transmissão do evento, que até então sempre pertenceram à Rede Globo. Com intuito de comparar a cobertura das duas emissoras durante este megaevento esportivo, uma com direitos de transmissão e a outra sem, iremos analisar as notícias veiculadas sobre o evento.

Para este estudo, o corpus analisado na presente pesquisa é constituído pelas matérias do Jornal Nacional (JN) e Jornal da Record (JR), relativas a qualquer informação sobre as Olimpíadas, sendo colhidas do dias 26 de julho a 11 de agosto. Todas as referidas matérias do JN foram analisadas pelo conteúdo disponibilizado no site, com exceção do dia 07 de agosto, por não ser possível localizar o material. O mesmo ocorreu com as edições do dia 30 de julho e 05 de agosto do JR. No entanto, em nada prejudica a análise, por haver um vasto material para tanto.

5.1-COBERTURA JORNAL NACIONAL

Com apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira, estreava em 1º de setembro de 1969 o Jornal Nacional, um dos programas mais antigos da televisão brasileira e o primeiro a ser transmitido em rede nacional. Nesses 44 anos de história, os

eventos esportivos sempre foram pauta no telejornal, que enviou, muitas vezes, equipes exclusivas e dedicando boa parte de suas matérias a esses grandes espetáculos esportivos.

Nas olimpíadas de 2012, mesmo sem os direitos de transmissão, o Jornal Nacional enviou repórteres e iniciou a cobertura do evento antes mesmo da abertura oficial. Durante os dias de competição os correspondentes de Londres fizeram matérias esbarrando nas regras do COI (Comitê Olímpico Internacional), que limita o uso de imagens do evento pelos não detentores de direitos de transmissão. No âmbito deste trabalho, foi usada a vertente análise de conteúdo, apoiando-se na metodologia de Corrêa e em uma análise final, baseando-se na sua classificação de critérios de noticiabilidade.

Trata-se de uma metodologia marcada pela utilização de técnicas híbridas, mesclando aspectos quantitativos e qualitativos: “[...] a análise de conteúdo oscila entre esses dois pólos, ora valorizando o aspecto quantitativo ora o qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador. Apesar da introdução e da inferência, a empatia pelos números não desapareceu” (Corrêa, 2006, p. 285)

Antes de iniciar esta análise, iremos dividir as matérias em três categorias:

- 1- Notícias do Brasil na competição (engloba tudo o que envolve atletas brasileiros na competição)
- 2- Notícias complementares (são aquelas que não envolvem os jogos diretamente)
- 3- Notícias internacionais (relativas aos atletas de outros países e abrange assuntos com celebridades de outra nacionalidade)

A partir dessa divisão iniciamos nossa apreciação com a primeira categoria, notícias do Brasil. As matérias desse grupo são as mais recorrentes na cobertura da TV Globo, dos 15 dias de Jornal Nacional selecionados, das 27 matérias veiculadas, 17

(62,96%) foram com notícias do Brasil. Sendo que, dessas 17, somente três fizeram uso das imagens cedidas pela Rede Record. A emissora optou por fazer uso de vídeos contendo fotos do Getty Images, um banco de dados americano, e também do COB (Comitê Olímpico Brasileiro).

A opção por esse recurso esbarra na falta do principal atrativo que fez com que todos se apaixonassem pela televisão, a imagem. Ela aproxima o telespectador do fato, transmite maior veracidade e objetividade. Os artefatos da imagem, sonorização e produção representam subsídios de tratamento das informações. “Ao propor uma nova associação entre a imagem e a linguagem, a televisão molda também novas maneiras de percepção” (Betti. 1998: 34). De certa forma, quando o leitor visualiza uma nota em um jornal e a mesma nota na televisão, as reações são diferentes.

No telejornalismo, o componente da imagem faz muita diferença. Jensen coloca ênfase na questão da credibilidade, de como as imagens da cobertura televisiva reforçam a expectativa de objetividade e imparcialidade, e nas convenções jornalísticas que regulam a imagem jornalística. A variedade de imagens oferecidas aparece também como um forte apelo para a audiência e, de modo a manter o telespectador preso no fluxo televisivo, no telejornalismo as imagens são estruturadas de acordo com a estética de produção de mercadoria (cf. *Ibidem*, p. 65 apud Itania Maria Mota Gomes, p.13)

Essa falta de imagens exigiu uma participação mais efetiva dos repórteres, que tinham no texto a obrigação de dar conta dos fatos de maneira informativa, clara e sucinta. Um exemplo são as notas cobertas, onde o repórter ou a própria apresentadora fala sobre um assunto, rapidamente, em cima de imagens, ou mesmo as interferências que o mesmo fez durante as matérias. No dia 28/07 a JN informou sobre a vitória da seleção feminina de futebol com uma nota coberta de apenas 10 segundos, o off: “Contra a Nova Zelândia o gol do Brasil só veio aos 40 do segundo tempo. A goleira saiu mal e Crsitiane chutou por cobertura. Brasil um, Nova Zelândia zero”.

Ainda falando sobre os recursos na construção das matérias, outro artifício bastante utilizado foi o de realizar o movimento de aproximação sutil nas fotos,

provavelmente feito durante a edição, hora ou outra intercalando com movimentos laterais. Esta ferramenta trouxe uma sensação de movimento, deixando as matérias menos estáticas, na tentativa de “prender” o telespectador. Esse tipo de matéria deixa um ar de amadorismo, já que colocar fotos ao invés de imagens com movimento, só é utilizado para cobrir a falta dessas, e geralmente são inseridas rapidamente e não durante todo o vídeo.

Dentre elementos que compõe uma matéria de telejornal, um atributo recorrente nas matérias foi quanto ao BG utilizado. Pela maioria das matérias serem de vídeo/ foto o som de fundo poderia ser escolhido de acordo com a entonação e angulação da matéria, mas em contrapartida, o JN optou por utilizar o som ambiente dos locais dos jogos, de gritos e aplausos. Um mecanismo que leva o telespectador, de certa forma, às arenas olímpicas.

Já no que diz respeito às inserções que o repórter faz durante as matérias, é uma forma de “dispensar” as imagens, e a falta delas. Além de ter sido realizado em alguns casos, para fazer a ligação entre duas matérias, ou dar informações complementares. Os correspondentes faziam suas participações diretamente de Londres, demonstrando interesse por parte do Jornal e da emissora, que mesmo limitada envia equipe, e contribuindo para a credibilidade dos fatos, por se estar nos locais dos acontecimentos.



Figura 1- O repórter Renato Ribeiro fala sobre a cerimônia de abertura das Olimpíadas de Londres/2012- Jornal Nacional (27/08/12)

E na busca por elementos que atraíssem o telespectador, um ponto positivo e que merece evidência foi quanto à criatividade. Na falta de imagens que pudessem construir o cenário das competições, animações feitas com recursos gráficos, supriram a falta dessas naquele momento. Foram cinco neste quesito, ora servindo como complemento às informações, ora como saída para mostrar evento.

Da avaliação positiva das animações, destaca-se a matéria que noticiou a final da prova dos 50 metros livres da natação no dia (03/08), da qual dois brasileiros participaram, sendo um deles considerado favorito. Cesar Cielo acabou não correspondendo às expectativas e conquistando somente o bronze. Na busca por explicações e causas para esse resultado, a matéria produzida inicia-se com a retrospectiva dos últimos quatro anos de preparação e competições do atleta até Londres. Em seguida, para mostrar o que aconteceu na hora da prova, com a animação foi feita uma análise destrinchando toda prova, desde o momento da largada até a chegada.

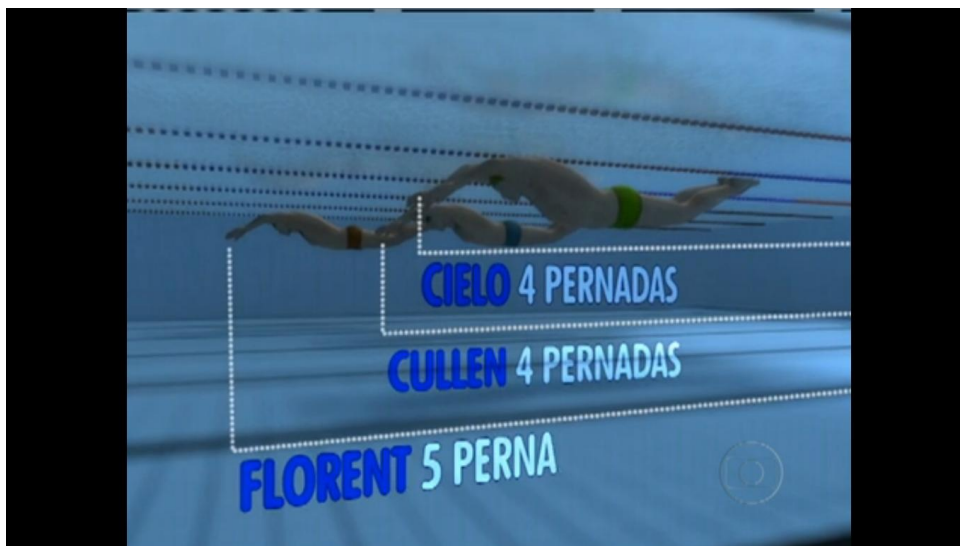


Figura 2- Animação sobre análise da final dos 50 metros da natação- Jornal Nacional
(03/08/12)

Agora se tratando do conteúdo da notícia, houve uma preocupação em noticiar os resultados da participação brasileira, mesmo que de maneira bem sucinta, e na maioria das vezes fazendo um “resumão” dos momentos mais importantes e dando placar dos jogos. Mesmo diante das dificuldades de produção, o JN conseguiu manter algumas características típicas do jornalismo esportivo, como a aproximação com o público através do personagem, produzindo uma identificação e até mesmo um sentimento de realização, por meio da conquista dos atletas.

Observamos alguns casos em que possui a participação do atleta na entrevista, em alguns colocando- o como um herói que após superar dificuldades para chegar até as competições, acabara por ter um momento de recompensa ao conquistar a medalha. Abordando também de o lado sentimental do esporte. Principalmente por alguns esportes serem desacreditados no Brasil e não terem tradição em conquistas. Essa espetacularização da emoção é uma das características do jornalismo esportivo, e pode comprometer a objetividade na apuração da matéria.

Emoção é uma das ferramentas utilizadas na construção da notícia para atender o propósito de mercadoria. Na medida em que o conteúdo da matéria deixa de ser ocasional e tem seus rumos orientados propositalmente para satisfazer um fim, torna-se possível colocar à prova a qualidade do trabalho desenvolvido pela produção jornalística e posteriormente seu conteúdo informativo. “O noticiário da imprensa (particularmente a sensacionalista) sentimentaliza as questões sociais e cria penalização em vez de reação”. (FILHO, 1989, p.18)

Duas matérias utilizaram este tipo de construção: a primeira é sobre a conquista dos judocas brasileiros Felipe Kitadai (bronze) e Sarah Menezes (ouro). A comemoração pelas medalhas acontece com o encontro dos dois com parentes e amigos. Depois durante o depoimento de Sarah, ela se emociona e começa a chorar amparada pelo técnico. Logo em seguida, é exaltada pelo mesmo, pela força de vontade e superação.

Já o segundo exemplo é da conquista da boxeadora Adriana Araújo, que após a luta encontra-se com a equipe do JN, e durante a entrevista liga para o treinador que ficou no Brasil e se emocionando e não segura as lágrimas. Depois, durante a exibição das imagens da luta, o texto do repórter destaca a importância da medalha e exalta o feito da atleta, que diz que medalha “vale ouro”, o repórter complementa: “Vale mesmo. Adriana Araújo perdeu nas semifinais de hoje para a russa, mas o bronze que assegurou quebra um jejum de 44 anos sem subidas ao pódio no boxe. E ainda quis o mundo que fosse dela a centésima medalha do Brasil na história das Olimpíadas”.

Quanto à participação do atleta, podemos identificar a valorização do personagem no relato de uma notícia esportiva, que também é um fator não apenas de reforço da noticiabilidade como de identidade editorial. Ou seja, o noticiário esportivo em televisão se pauta cada vez mais pelos personagens que protagonizam as histórias noticiáveis, sejam eles celebridades ou anônimos.

Em relação à recorrência de alguns esportes em detrimento do outro, não houve uma grande discrepância quanto ao espaço dedicado, nem a adoção de frequência

de certas modalidades. O principal critério era a conquista de medalha ou, na falta desta, o avanço nas disputas. Temos então, a partir desta característica, a existência do que durante todo o período da pesquisa figurou como sendo o critério de noticiabilidade mais importante para as notícias sobre outros esportes: a ocorrência de competições, ou situações equivalentes, para que elas fossem noticiadas.

Este critério que geralmente não se aplica ao futebol, desta vez o fez, isto se deve ao fato da limitação de material para produzir as matérias. O mesmo acontece com o tempo dedicado ao evento, em dias mais movimentados o destaque era maior, já em dias em que o Brasil não ia bem, as notícias tendiam a ser mais curtas. Na verdade esta foi uma característica predominante da cobertura da Rede Globo, as matérias não ultrapassavam dois minutos, no entanto, não havia uma rigidez quanto a divisão de tempo por esporte, dependendo unicamente do desempenho do mesmo.

Já na segunda categoria, que engloba os assuntos complementares ou não relacionados diretamente às disputas, a Rede Globo realizou uma pequena cobertura que consistiu em três matérias envolvendo a presidente Dilma e uma sobre a cerimônia de abertura, todas elas concentradas nos três primeiros dias de análise.

As matérias com a presidente Dilma foram todas com vídeos feitos por uma equipe do JN, isso foi possível porque os locais onde aconteceram os fatos não eram arenas e nem envolviam nenhuma competição nos jogos. A primeira (26/07) foi sobre a inauguração da Casa Brasil em Londres, um espaço que divulga nossa cultura pelo fato do Rio de Janeiro sediar a próxima edição dos Jogos. A notícia encaixa-se dentro da “editoria” olimpíadas, mas aborda também um lado político.

Mostrando um lado mais descontraído, as outras duas matérias com tema: presidente Dilma em Londres, tiveram como pano de fundo a sua visita ao alojamento dos atletas brasileiros, com direito a almoço no bandeirão, e um breve passeio na cidade.

As três são pautas certas no telejornal porque envolvem a autoridade maior do país e discutem a posição oficial do país em relação aos jogos, não só de Londres, mas do Brasil, o próximo a sediar as Olimpíadas.

Em relação a última categoria analisada neste primeiro momento, quanto às matérias de notícias internacionais, durante o período de coleta o JN exibiu um total de seis matérias internacionais, sendo que os conteúdos das mesmas, estavam voltados para uma divulgação dos principais destaques dos atletas de outros países. No entanto, essas notícias não foram necessariamente com conquistas de medalhas por estes. Em alguns casos a relevância se deu por ser um fato curioso, de superação ou desempenho de destaque do atleta.

Dessas seis matérias nessa categoria quatro foram sobre conquista de medalhas dos atletas estrangeiros, como por exemplo, do nadador Michael Phelps, que se tornou o maior medalhista da história das olimpíadas. Os olhares do mundo inteiro estavam voltados para as provas que ele iria participar, seu desempenho foi destaque em toda mídia esportiva, por esta relevância, é quase uma “obrigação” noticiar.

Outro aparte das matérias foi a utilização de recursos gráficos e animação, que como na cobertura dos atletas brasileiros, enriqueceram as informações. Em uma delas, a história de um sul-coreano que mesmo com uma deficiência visual (tendo apenas 20% de sua visão), participou dos Jogos e acabou conquistando uma medalha. Esse tipo de matéria, envolvendo superação, é muito comum no jornalismo esportivo, porque exerce um envolvimento maior com telespectador, que se sente motivado a também superar os seus próprios obstáculos.

Assim como a maioria da cobertura do JN, essas notícias foram dadas por meio de vídeo/ foto (exceto uma), sendo em alguns casos complementada pela participações dos repórteres, seja com passagem durante a matéria ou standup realizados

ao vivo de Londres. A equipe responsável por esse trabalho foi composta por quatro repórteres que se revezavam entre fazer a cobertura durante o dia, e participar do JN à noite.

5.2- A COBERTURA DO JORNAL DA RECORD

A Rede Record garantiu o direito de transmitir os Jogos Olímpicos de Londres/2012 após na disputa com a concorrente, Rede Globo, desembolsar a bagatela de 60 milhões de dólares. Durante os 15 dias de competição, foram mais de 200 horas de programação. A emissora não poupou gastos nessa cobertura, investindo em equipamentos, programas e uma equipe de jornalistas renomados, alguns desses, oriundos da TV Globo.

Para compor esta equipe, cerca de 350 profissionais desembarcaram na Inglaterra, contando com uma estrutura de três satélites exclusivos e transmissões totalmente em HD. Foram 35 toneladas de equipamentos enviados, dentre eles: oito câmeras exclusivas equipadas com lentes de grande alcance, 20 câmeras de externa, seis câmeras de estúdio, 18 ilhas de edição, duas mesas de corte de vídeo com mais de 40 entradas simultâneas, duas mesas de áudio com mais de 200 canais de entrada, matriz de vídeo para suportar mais de 100 sinais simultâneos e câmeras portáteis.

Além dos equipamentos, também se investiu em “propaganda”. A divulgação de que a emissora faria a cobertura das Olimpíadas começou quatro meses antes dos jogos. Utilizado como forma de marketing para atrair a audiência, um ônibus personalizado, percorreu mais de 12 mil quilômetros visitando as cinco as regiões

brasileiras e as principais capitais, contando a história dos atletas brasileiros que foram aos Jogos. Faltando poucos dias para o início do evento, os apresentadores de diversos programas da emissora vestiam uma camisa festiva, com os dizeres: “Tô na torcida”.

Esta é a primeira vez que a Record exhibe uma Olimpíada, após a experiência com os Jogos de Inverno de Vancouver, em 2010, e o Pan-americano de Guadalajara, em 2011. Além das transmissões encabeçadas por Ana Paula Padrão e Mylena Ciribelli, ex-globais, a emissora transformou ex-atletas em comentaristas, como o ex-nadador Fernando Scherer, o Xuxa, e Virna Dias, que já representou o Brasil no vôlei feminino. "Todos os narradores e comentaristas passaram por treinamento. Assistíamos a um jogo na íntegra e tínhamos de comentar. Pelo ponto eletrônico, um diretor dava instruções e uma fonoaudióloga também, para ficarmos mais espontâneos. Evoluímos", diz Virna.

Nos 15 dias de competições a Record destacou as Olimpíadas durante toda sua programação, contando com exibição de matérias exclusivas em vários programas. Realizou uma ampla cobertura jornalística do evento ao mostrar os principais acontecimentos dos Jogos em seus telejornais: “Jornal da Record”, “Fala Brasil” e “Domingo Espetacular” apresentados ao vivo, de Londres. Segundo a emissora, foram mais de 165 horas de transmissão de eventos esportivos.

Dentro desta programação, a fim de realizar a análise comparativa com a Rede Globo, iremos nos ater à cobertura realizada dentro do Jornal da Record, a escolha foi feita por apresentar o mesmo formato do Jornal Nacional. Há 41 anos no ar, o Jornal da Record estreou em 1972 sob o comando de Hélio Ansaldo, em 1976 mudou de nome para Jornal da Noite. Ao longo dos anos o telejornal foi sofrendo alterações e em 2005 estreava o “novo” Jornal da Record, do qual temos acesso hoje.

Todos os dias, com um “Boa noite Brasil” diretamente de Londres, o Jornal da Record (JR) entrava no ar. Ana Paula padrão foi a escolhida para realizar essa “ponte

aérea” entre o telejornal no Brasil e a cidade olímpica, trazendo os destaques de tudo que tinha acontecido durante o dia de competições. A apresentadora marcou sua participação pelos comentários após as reportagens e empolgação com que falava das conquistas brasileiras.

Essa empolgação já pôde ser percebida no dia da abertura oficial do Jogos Olímpicos de Londres (26/07), quando Ana Paula abre o telejornal fazendo uma descrição literária de tudo que acabara de acontecer, caracterizando o evento como “autoral e poético”. Além de utilizar a expressão, “romântica”, se referindo ao momento em que a pira olímpica foi acesa. Após exibição de alguns momentos da cerimônia, a apresentadora chama Mylena Ciribelli, no estádio da abertura, que teve um discurso mais como torcedora que repórter, com direito a bandeira do Brasil na mão e falando sobre sua admiração por Paul McCartney.

A emoção era tamanha que ao retornar para bancada do jornal, Ana Paula completa: “Você está assistindo o Jornal da Globo, ao vivo, de dentro do estádio olímpico de Londres”. Ao perceber, corrige o erro, mas esse deslize acabou se tornando um dos vídeos mais vistos na internet. Durante todas as edições realizadas em Londres do JR, a postura “bairrista” da apresentadora era explícita, porém em disputas que envolvem o Brasil é totalmente aceitável, desde que não prejudique o tratamento com a notícia.

Este profissional do esporte trabalha com a paixão e corre o risco de ser um pouco mais opinativo que o “normal”. Entretanto, esta é uma ousadia que os veículos devem cometer por se tratar de uma área envolvente e dinâmica. O repórter, no momento do exercício da profissão, estará sempre exposto à carga de emoção e a tendenciosidade como qualquer torcedor comum. (Costa, Andréia Barros; Bate bola com a crônica, 2001; p. 31)

As colocações proferidas pela repórter, principalmente após a exibição de alguma matéria, a colocam em uma posição de torcedora em diversas ocasiões, sempre com expressões como: “tomara”, “é isso que a gente espera”, “essa eu não poderia

perder”. Além de em outros momentos em que os comentários acabam sendo cômicos: “por isso que olimpíadas é legal”, “uma gracinha ela”, “ela deve sumir no colo do neto”.

A não utilização de adjetivos, em excesso, é orientação no manual de telejornalismo.

Outra característica é a não utilização de adjetivos, já que o conjunto de receptores ao qual se destina o emissor é despersonalizado e numeroso. Além disso, uma “adjetivação excessiva ou inadequada enfraquece a qualidade e o impacto da informação. Substantivos fortes e verbos na voz ativa reforçam a densidade indispensável ao texto jornalístico” (BARBEIRO E LIMA, 2002, p. 96)

O comportamento de torcedora e a exaltação no discurso da apresentadora Ana Paula Padrão estiveram presente em grande parte das matérias exibidas no JR diretamente de Londres, algumas feitas pela própria apresentadora. Com um tratamento mais íntimo com os atleta, ela não se posicionava como repórter e se emocionou por diversas vezes.



Figura 3- Ana Paula Padrão se emociona com depoimento e abraça atleta brasileira- Jornal da Record (08/08/12)

Esse posicionamento foi observado também por em outras matérias e por outras repórteres, como Adriana Araújo, responsável pela cobertura da natação. Ela trata o atleta com intimidade, dando a impressão de que há uma relação de amizade entre

eles. Além de deixar margem em seu texto para presença de uma admiração demasiada, sempre elogiando os atletas. Talvez essa situação se dê pelo fato de desde os jogos Pan-americanos de Guadalajara, a repórter acompanhar as disputas da natação e os mesmos esportistas brasileiros, estreitando assim sua relação.

A fim de organizar a análise do material jornalístico exibido, iremos retomar a metodologia de divisão de categorias utilizada na análise do Jornal Nacional. Dividas, portanto, em:

1) Notícias do Brasil na competição- divididas em subcategorias: resultado (CBR) de jogos e preparação para disputas (CBP)

2) Notícias complementares- dividida em subcategorias: não esportivas (NCN) e esportivas -por não se encaixarem nas outras categorias- (NCE)

3) Notícias internacionais- resultados de outros países

Com base nessas categorias todas as matérias do Jornal da Record foram assistidas e endereçadas à categoria que lhe era pertinente. Algumas poderiam se encaixar em mais de uma categoria, porém, cada notícia foi classificada somente em uma, de acordo com as características de mais relevância. No final dos 15 dias de coletas, foram 131 matérias, sem contar as notas cobertas, notas secas e o quadro Giro da Record, que resumia os principais acontecimentos do dia.

Dentro da classificação nas categorias, o maior número de notícias foram as do grupo coberturas do Brasil, somando um total de 66 (50,4%), dessas 53 (80,3%) eram sobre os resultados de jogos envolvendo atletas brasileiros e 13 (19,7%) sobre preparação para alguma disputa. O JR tinha a duração média de 42 a 44 minutos, desse total, cerca de 70% era dedicado às notícias olímpicas, variando o tempo entre 22 a 29 minutos de notícias.

Com esse vasto material de análise, iremos discutir os temas mais recorrentes, formatos de matérias mais utilizados e conteúdos das mesmas. Justamente pelo espaço dedicado ao evento, a emissora pôde abordar de forma ampla e aprofundada os principais acontecimentos, principalmente no que dizia respeito aos atletas brasileiros. Dentro das modalidades disputadas, a emissora se ateuve aquelas em que o Brasil tem mais tradição e chances de vitória, esse mesmo critério foi utilizado nas escolhas das matérias do telejornal, sempre colocando como manchetes as conquistas dos brasileiros no dia, e quando não aconteciam, divulgavam geralmente o avanço para próxima fase.

As notícias do Brasil, subcategoria resultados, possuíam geralmente o mesmo formato, onde contavam a história da disputa e como a vitória tinha acontecido. Quando se tratava de jogos que eram trampolim para próxima fase, a característica principal era imagens dos melhores momentos da disputa, dando uma visão do clima do jogo. Em alguns casos ocorre entrevista com atletas o que deixa a matéria com mais credibilidade.

Um dos exemplos é a matéria sobre a derrota da Seleção Feminina de Futebol para as donas da casa, Inglaterra (31/07). Mostra os principais lances do jogo, a pressão do Brasil e depois conversa com a goleira Rafaela e a principal jogadora do time, a Marta.



Figura 4- Marta dá entrevista após jogo da seleção feminina de futebol- Jornal da Record
(31/07/12)

Já quando os resultados se referiam às vitórias, principalmente quando de conquistas de medalhas, a notícia tinha mais destaque, e até um tempo maior. Além disso, o atleta era exaltado como um grande herói. No esporte essa visão é comum, como cita Bozzetto, fazendo referência à Rubio.

Segundo Rúbio “os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno e a Copa do Mundo de Futebol, eventos intercalados que monopolizam a atenção de milhões de espectadores ao redor do planeta, remetem algumas pessoas desconhecidas à condição de figuras públicas mundiais, dependendo, para isso, de um bom desempenho ou a quebra de um recorde” (RÚBIO apud Bozzetto; 2008; p. 221)

A matéria detém essas características é sobre o ginasta Artur Zanetti (06/08), que conquistou ouro nas argolas. O jornal já abre falando sobre a conquista, depois uma matéria fala sobre a vitória e mostra as principais imagens da prova. Depois entra uma entrevista com o atleta nos estúdios do JR em Londres, com a participação da família do atleta. Essa humanização do atleta foi recorrente em outras reportagens: entrevista com Sarah Menezes, em que ela falou sobre o começo da carreira difícil (28/08); e com a atleta Adriana Araújo (08/08), aplaudida pela redação da Record em

Londres, e que se emociona durante a entrevista, deixando a repórter Ana Paula Padrão também emocionada.

Outro elemento importante da notícia é a personagem: ela é alma da matéria. Uma notícia sem personagem não tem vida, não emociona. A personagem ajuda a humanizar a notícia, faz que o público se identifique com o fato, aproxima o leitor, ouvinte ou o espectador de uma realidade distante. Uma celebridade é notícia por si, independentemente do fato, e sempre agrega valor à notícia. [...] Mas o personagem pode também ser alguém desconhecido, desde que representativo ou justamente por ser atípico. Uma boa personagem é aquele que estabelece vínculo com o leitor, ouvinte ou espectador. É preciso ter alguém de carne e osso, com cara e nome, para dar dimensão da realidade e despertar emoção. Quanto mais interessante a personagem, maior impacto terá a notícia. [...] (VASQUEZ, 2004, p.37)

A outra subcategoria, da cobertura do Brasil- preparação para jogos, diz respeito às notícias sobre equipes e atletas brasileiros que estão concentrados para alguma disputa, geralmente feitas um dia antes de acontecerem. O esporte que mais recebeu atenção e conseqüentemente mais atenção do JR, foi o futebol masculino, sendo noticiado praticamente todos os dias. A justificativa talvez se dê por ser o esporte mais popular no Brasil, que foi responsável pela liderança na audiência e larga vantagem em relação a Globo (10 a7) na manhã da final olímpica.

O futebol enquanto representante da nação funciona como o exercício de uma paixão coletiva como uma força agregadora. Esse imaginário faz parte do real e necessita de uma rede simbólica para que possa existir. Por meio desse mecanismo simbólico o futebol ganha vida fora de sua prática esportiva, vira uma “falação”, um fato e por isso as pessoas discutem sobre futebol. O imaginário faz com que haja uma grande aceitação dessa prática esportiva como definidora do principal esporte, legitimando a idéia de um coletivo, de uma nação em torno do futebol. (GIGLIO, 2007, p. 59).

O futebol foi explorado em vários ângulos pelos repórteres do JR, em uma edição (04/08) do telejornal foram nove minutos de matérias seguidos. Falando sobre o jogo, entrevistas com jogadores, matéria sobre a torcida brasileira que acompanhou os

jogos e sempre com a participação de um repórter diretamente da concentração da Seleção com as principais novidades. Dos outros esportes que mais foram citados e noticiados estão: natação, vôlei, judô e ginástica masculino. Alguns demais foram noticiados, de acordo com algum acontecimento relevante, como handebol e basquete, quando tinham vitórias.

Partindo para segunda categoria iremos falar sobre notícias complementares, dividindo-se entre: não esportivas (NCN) e esportivas (NCE). A principal característica dessas notícias é um acréscimo na informação, revelando-se como uma retransmissão dos assuntos principais, como nas vitórias do Brasil. Dentre elas encontram-se matérias como: torcedores brasileiros que se reúnem para acompanhar jogos em praias do Rio de Janeiro; presidente Dilma visita atletas brasileiros (pauta também no JN); a conquista das mulheres, presentes em todas as delegações; presidente do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), visita instalações da Record em Londres. Sobre esta categoria, englobando também o esporte, Maluly acrescenta:

Uma informação a mais pode servir de atrativo para o público e assim a cobertura tornar-se mais envolvente, não ficando limitada apenas à reprodução do jogo, que muitas vezes, está sendo transmitido pelos meios eletrônicos (MALULY, 2000, p.92).

Integrando as NCE, estão as matérias que falam sobre esporte ou atletas, mas que não analisam os jogos especificamente, porém esses são, na maioria das vezes, o ponto de partida para a matéria. Os casos mais recorrentes são os que fazem um perfil do esportista: destaque do jogo do Brasil, lateral Marcelo sempre liga para o avô antes dos jogos, segundo ele, isso traz sorte; entrevista com o craque Neymar antes da final olímpica; Gari Sorriso do Brasil estará na cerimônia de encerramento das olimpíadas em Londres. No total das 46 matérias na categoria notícias complementares, 18 (39,14%) estavam relacionadas com esporte e 28 (60,86%) não.

Notícias internacionais, a menos recorrente entre todas, representando 14,5% (19 matérias), englobando os atletas e autoridades de outros países. As pautas de destaque foram: visita do príncipe Willians a central de imprensa; matéria sobre a Seleção do México que enfrentou o Brasil na final; a ginástica olímpica feminina, destacando o desempenho dos Estados Unidos; Michael Phelps se torna o maior recordista de medalhas em olimpíadas.

Na cobertura jornalística durante toda Olimpíada foram 40 horas de reportagens exibidas, adotando uma média de 25 minutos, por dia, reservados para essas notícias no Jornal da Record, elas somam um total de cinco horas e meia de jornalismo esportivo dentro do JR. Com tanto tempo dedicado aos esportes e colocando em voga primeiramente os mais populares, o noticiário explorou um assunto por certas vezes, demasiadamente, não procurando, em contrapartida, uma abordagem diferenciada. Isso foi observado principalmente, quando um atleta brasileiro conquistou medalhas e também no futebol, exemplo foi o dia 04/08, quando no início do JR, foram dedicadas nove minutos seguidos ao futebol, representando 40,9% das notícias que naquele dia chegaram a 22 minutos no total.

A abordagem excessiva de um assunto durante muito tempo exige criatividade e objetividade quanto ao lugar que se quer chegar. Várias matérias sobre um mesmo assunto não significa um enriquecimento de informação. Começo esta discussão devido a exploração exagerada de certos temas durante a cobertura do Jornal da Record. A maior parte foi para noticiar as conquistas de medalhas, como no ouro da judoca Sarah Menezes. O jornal começa com uma entrevista da atleta, depois mostra a luta, depois fala sobre o judô masculino e entra uma nova matéria sobre a conquista de Sarah, inclusive utilizando algumas sequências de imagem repetidas.

Algumas matérias se repetiram durante os noticiários, como a que mostrava os torcedores brasileiros nas praias do Rio de Janeiro, acompanhando os jogos. Ou mesmo, o uso da mesma angulação para tratar um assunto, quando em três matérias sobre ginástica, o texto colocando o esportista dessa modalidade como homens/mulheres de borracha, explorando a graciosidade das atletas e dificuldade de execução dos movimentos. Até o mesmo fundo musical foi utilizado em duas delas. Gleisca Garcia também faz uso de números um tanto quanto irrelevante em algumas ocasiões, como sempre destacar o número de atletas na disputa, porém, dando espaço somente para alguns.

Mesmo com uma quantidade significativa de material, em alguns momentos o jornal não soube fazer uso destes. Outro ponto fraco das matérias do JR foi quanto a utilização de animações e recursos gráficos, só em uma matéria tivemos o uso efetivo desse recurso, e das outras poucas vezes que se foi usado, o único diferencial foi uma ferramenta que congelava a imagem em movimento e conseguia realizar uma rotação, o que trazia uma mudança no ângulo de visão.

A matéria do dia 08/08, sobre os 100 anos de pódio do Brasil, retoma as medalhas brasileiras desde a primeira conquistada (1920), até Londres, quando o país chegou a sua 100ª medalha. Matéria bem trabalhada, com a participação de alguns atletas brasileiros que participaram dessa história.

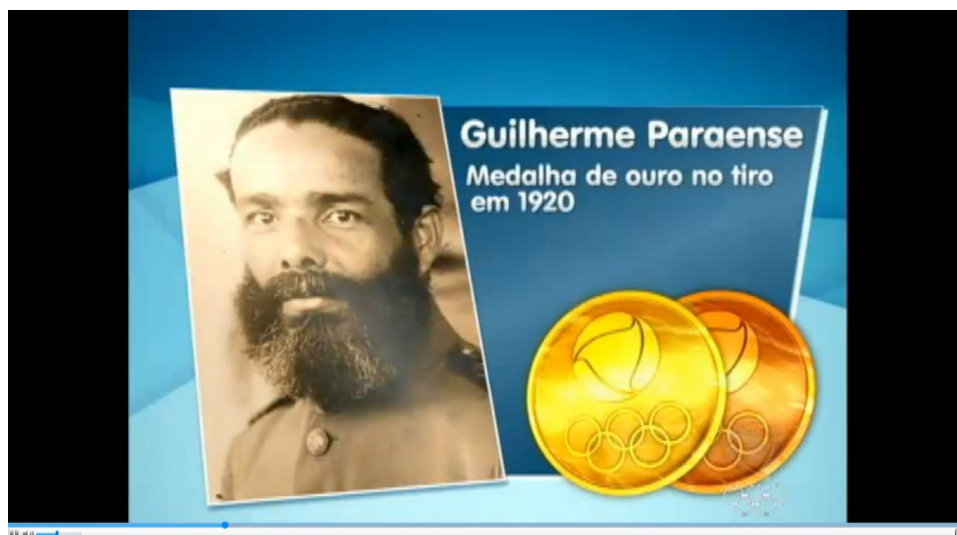


Figura 5- Animação gráfica utilizada para mostrar as medalhas brasileiras- Jornal da Record (08/08/12)

Quanto aos repórteres escalados para realizar a cobertura das modalidades, algumas posturas requerem questionamento: uso de expressões que deixam claro o seu sentimento em relação ao acontecimento, “infelizmente a Seleção feminina não se classificou”; o modo como se inserem nas matérias, “em primeiro lugar a gente espera que a Seleção vença”. Ao mesmo tempo em que pode funcionar como uma ferramenta de aproximação com o telespectador pode ser enxergado como característica do jornalismo opinativo e subjetividade.

Mesmo que no jornalismo esportivo, quando se trata de cobertura envolvendo esportes com Brasil, há essa “permissão”, é importante colocar a informação em primeiro lugar, e a preocupação de não deixar que o sentimentalismo interfira na análise e visão das disputas. Quando em alguns casos, por pura paixão, colocam os atletas brasileiros como os melhores sempre, mesmo que não o seja. A crítica também faz parte de uma cobertura esportiva, e isso foi deixado de lado em alguns momentos na cobertura da Rede Record.

5.3- A COMPARAÇÃO ENTRE A COBERTURA DO JORNAL NACIONAL E JORNAL DA RECORD

Dado o exposto, partimos para uma breve comparação entre a cobertura realizada pela Rede Globo, através do Jornal Nacional, e a cobertura feita pela Rede Record, através do Jornal da Record. Faremos primeiro uma análise quanto à quantidade de matérias e tempo, e depois sobre o conteúdo das mesmas.

O primeiro ponto, quanto a comparação quantitativa, é clara a percepção que o houve uma grande diferença no número de material entre os dois telejornais. Tal fato se deve primeira e principalmente, às limitações da Rede Globo pela não detenção dos direitos de transmissão. Enquanto no Jornal da Record, durante toda olimpíada, foram cerca de cinco horas e meia de notícias, no Jornal Nacional foi cerca de 35 minutos, nos dias acompanhados.

A média de matérias por dia no JR foi de 12 por telejornal, enquanto no JN era uma média de duas por dia. No entanto, mesmo com essa limitação de imagens e tempo, o JN noticiou os principais resultados da participação brasileira, mas o fez de forma bem objetiva e sucinta. A falta de imagens com movimento foi, sem dúvida, o principal ponto fraco da cobertura da Rede Globo.

O Jornal Nacional realizou uma cobertura mais objetiva, aproximando-se mais do jornalismo diário, enquanto que o Jornal da Record optou por uma cobertura mais subjetiva, colocando emoção nas transmissões. Além do sentimento de exaltação do atleta brasileiro, envolvendo-se com a notícia e sempre colocando uma carga sentimental nas suas matérias, o JR explorou o lado do espetáculo e a grandiosidade do evento, abordando assuntos variados.

“Os evento esportivos, como movimentos sociais, não se limitam apenas a representar uma competição, pois refletem também características culturais, econômicas, sociais, políticas, étnicas, religiosas, etc. Assim, torna- se os acontecimentos esportivos como fatos complexos, que trazem um conjunto de dimensões das relações interculturais, onde os atores sociais não são apenas os competidores, mas a platéia, dos dirigentes, os mídias, os patrocinadores, dos diretores esportivos, etc.” (BORELLI apud BOZETTO, 2002 p.3)

Algumas pautas foram recorrentes nos dois telejornais, isso se deve ao fato de os principais destaques se darem nas vitórias brasileiras, porém, algumas matérias tiveram a angulação bem parecida, ou quase indenticas. Como a matéria dos judocas Sarah Menezes e Felipe Kitadai, explorando o fato de o atleta estar fazendo aniversário e também o apelo emotivo. A repercussão da vitória da boxeadora Adriana Araújo, desacreditada até pelo presidente da confederação brasileira de boxe, e que deu a volta por cima ganhando bronze. Matérias sobre a presidente Dilma também foram pauta comum nos telejornais.

Por não ter a concessão de transmissão das disputas esportivas, a Rede Globo enviou uma pequena equipe para Londres, comprometendo- se a dar a relevância cabível de uma emissora não detentora dos direitos de transmissão. Os repórteres ficavam encarregados de todas editorias, sem tema específico. Em contrapartida, a Rede Record enviou uma equipe de 350 profissionais, e 35 toneladas de equipamentos. Cada modalidade era específica de um repórter, sendo algumas acompanhadas por mais de um jornalista.

Tanto no Jornal Nacional, quanto no Jornal da Record, as matérias mais periódicas foram sobre a cobertura do Brasil, representando 64% das notícias do JN e 50% das notícias no JR. Das outras categorias a Globo divulgou mais os resultados

internacionais (21%), do que a Record (15%). Enquanto esta realizou um número expressivo de matérias complementares (35%), em relação à concorrente (15%)

Retomando a classificação de Correia, grande parte das notícias possui caráter de interesse público/ importante e interesse do público/ interessante. Porém notamos que na cobertura do Jornal Nacional o veículo explorou mais o lado de interesse público, colocando as notícias de interesse nacional, no caso os resultados dos jogos envolvendo atletas brasileiros. Enquanto o Jornal da Record colocou as matérias em um patamar mais para o lado de interesse do público, explorando o emocional e histórias de interesse humano.

Em última instância, quanto a visibilidade da participação brasileira, a Rede Globo fez seu trabalho de informar o fato como um acontecimento e não um megaevento, dadas as limitações de imagens. Já a Rede Record fez a cobertura das principais disputas envolvendo os atletas brasileiros, dando destaque para o evento durante toda a programação, não só no principal jornal, como fez a TV Globo.

² Gráfico comparativo das matérias/ temas exibidos nos dois jornais

³ Gráfico comparativo do tempo das notícias em relação ao tempo dos jornais

6- CONCLUSÃO

Diante do exposto, ao longo desse trabalho, podemos considerar que foi possível durante as Olimpíadas 2012, traçar uma visão de um cenário, até então, nunca visto na televisão brasileira. Onde a Rede Globo, que sempre fora a emissora oficial das olimpíadas, se viu limitada no fazer notícia, por conta da falta de imagens. Em contrapartida acompanhamos o desempenho da estreante, Rede Record, na cobertura do maior espetáculo esportivo do planeta. Permitindo também, um recorte da atual conjuntura do telejornalismo esportivo brasileiro, diante de megaeventos.

Haja vista a chamada década de ouro para o Brasil, que irá sediar os dois maiores eventos esportivos nos próximos quatro anos, a Copa do Mundo de Futebol 2014 e as Olimpíadas do Rio 2016. Tornando a discussão que envolve nosso estudo totalmente pertinente, na medida em que poderá contribuir para uma reflexão inicial acerca da qualidade do telejornalismo esportivo no Brasil, dentro dos telejornais diários, e retomar a discussão acerca do monopólio das transmissões. Aliás, essa falta de diversidade e pluralidade na propriedade dos meios de comunicação, é um importante ponto a ser tratado.

Consideremos, no entanto, antes de iniciar uma discussão mais profunda, sobre os direitos de transmissão, o desenvolvimento do jornalismo esportivo no Brasil, que começou sua ascensão depois da década de 1920, quando com a influência do futebol, e teve sua afirmação após a conquista do Mundial de 38. Depois com o surgimento da TV, essa paixão, antes construída pela imaginação que o rádio proporcionava, ganhou forma e traços, permitindo que o telespectador acompanhe seu time, nossa Seleção ou atleta, quase como se estivesse lá, na arquibancada.

No entanto, o direito a informação, defendido na constituição, não é o suficiente para legitimar a pluralidade de transmissão nos meios de comunicação. O que sujeita o torcedor a acompanhar, no caso das Olimpíadas, pelo único canal disponível em rede aberta, ou então, se quiser ter direito de escolha, que ele pague a mais por isso. Enquanto isso, quem sai no lucro são os grandes empresários da TV e o COI, que vendem a exclusividade por milhões.

Nas Olimpíadas de Londres, diante da falta de opções, o brasileiro se dividiu entre acompanhar a cobertura mais objetiva e de forma bem concisa, porém sem, às vezes, contar com a principal característica da TV, a imagem, isso quando optava pelo Jornal Nacional. Ou escolhendo o Jornal da Record, teve acesso a uma cobertura cheia de emoção, que podemos dizer ter sido o principal ingrediente das matérias realizadas, sempre exaltando os atletas brasileiros, deixando em alguns casos o lado torcedor prevalecer sobre o papel jornalístico.

Como em uma entrevista com a boxeadora de bronze, Adriana Araújo, que fala dos seus dramas e de sua volta por cima, por ter sido desacreditada até mesmo pelo presidente da confederação brasileira de boxe. Diante dessa declaração, a repórter Ana Paula Padrão, se emocionou e abraçou a atleta, não aprofundou o caso no momento, que poderia ter sido mais bem explorado. Na volta aos estúdios a apresentadora deu uma nota sobre a declaração do presidente da confederação sobre o ocorrido.

Partindo desse panorama geral em que as notícias sobre as Olimpíadas de Londres eram emitidas, retomamos as categorias criadas, escolhidas a partir das características comuns e temas recorrentes nos dois telejornais, dividindo-se em: cobertura do Brasil, assuntos complementares e internacionais. As duas emissoras produziram uma quantidade maior de matérias relacionadas à cobertura do Brasil. O Jornal Nacional com 64% e o Jornal da Record com 50%.

Essa predominância é explicada pelo fato serem as pautas que todo telespectador espera do jornal, seria o “mínimo” de informação que deveria conter no telejornal. Já a segunda categoria mais explorada houve uma diferença, enquanto o JN noticiou mais assuntos internacionais (21%), o JR realizou mais matérias de assuntos complementares (35%). Essa alternância pode ser explicada pela equipe envolvida nas duas transmissões, já que a cobertura da Record contou com mais de 350 profissionais, enquanto a Globo a fazia com apenas três repórteres, tornando difícil cobrir assuntos extra- olímpicos. Realizando os destaques internacionais, quase que diários.

A terceira categoria, as menos recorrentes nos jornais, foi notícias internacionais no JR (15%) e notícias complementares no JN (15%). A justificativa seria pelo fato da Record ter se voltado para uma cobertura com mais destaque para o Brasil. Já a Globo como lembrado, enviou uma equipe limitada. Dentro das notícias e assuntos observados notamos o quanto pode ser complicado separar as notícias entre interesse público e interesse do público, já que grande maioria se encaixa em ambas. Porém, a predominância na cobertura foi de assuntos de interesse do público, o que explicita a tentativa de atrair o público com notícias mais humanizadas e que envolvem certa carga emotiva.

O Jornal da Record realizou uma cobertura mais completa e extensa, mas isso também foi permitido graças a sua posição de detentora dos direitos de transmissão, ao passo que, o Jornal Nacional também realizou a cobertura que lhe era possível diante das limitações do uso de imagem dos jogos. Mais que ter a presunção de dizer quem fez a melhor cobertura ou qual emissora é melhor no jornalismo esportivo, este projeto buscou contribuir para a reflexão acerca do que foi feito, a fim de mostrar os dois lados da moeda: uma emissora detentora dos direitos de transmissão, que pode se mostrar falha em alguns pontos, mesmo contando com o melhor material. Colocando a paixão

acima do jornalismo, principalmente por se tratar de um telejornal diário, o que talvez fosse mais aceitável em programas dedicados ao esporte somente.

Outra sem a concessão, mas que dentro das limitações visuais, mostrou que a informação pode ser dada de maneira objetiva e sem perder o conteúdo. Mas que a televisão sem sua principal característica, imagens movimentadas, fica muito chata. Deixando a cobertura do Jornal Nacional por alguns momentos com um ar de amadorismo. O que também nos leva a um retrocesso de tudo que se conquistou em tecnologia televisiva, e que o jornalismo esportivo sempre foi um dos pioneiros a utilizar, como as imagens de alta definição e câmeras exclusivas.

É preciso enxergar também, que mesmo diante de apenas uma troca de monopólio, há uma esperança de que possa ser o começo de uma nova vertente, onde as emissoras possam de fato brigar por audiência com sua programação, não na disputa de quem paga mais para passar um jogo da Seleção. Bons tempos eram aqueles que os repórteres iam para a beira do campo e cada um se virava para levar o que de melhor havia acontecido na partida. Os próximos megaeventos esportivos irão acontecer no Brasil, será um momento oportuno para um novo estudo, já sendo o país sede e com eventos dessa magnitude, seria plausível que todas as emissoras tivessem o direito de transmissão. Também, por se tornar algo de interesse público e não só interesse do público, por afetar diversos setores do país.

A Rede Globo já anunciou a exclusividade da Copa do Mundo de 2014 e a Rede Record afirmou a continuidade nas Olimpíadas de 2016. A novidade se dá pelo fato de, desta vez, a emissora dividir as transmissões da Olimpíada do Rio com a concorrente, Rede Globo.

7- REFERÊNCIAS

ALLGAYER, Marcelo; **A representação da China na cobertura das olimpíadas pelo Jornal Nacional**; 2010, In ____ www.lume.ufrgs.br

ASHCROFT, Frances M., **Vida no limite**, 2001

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002

BARROS COSTA, Andréia; **Bate bola com a Crônica: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira**

BERGER, Christa, "**De São Paulo a Madrid. Das mediações à midiatização**". *Mediaciones Sociales*, v.1, n.2; 2008

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira; **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**, 2008

BIANCHI, Paula; HATJE, Marli; **Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea**. *Motrivivência*, Florianópolis/SC, ano XVIII, n. 27, dezembro/2006.

BOURDIEU, Pierre, **Razões práticas : sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão: a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997

BOZZETTO, Adriana. **O professor particular de piano em Porto Alegre: uma investigação sobre processos identitários na atuação profissional**. *Em Pauta*, Porto Alegre, ano X, n.14/15, p. 49-66, 1998/1999

CABRAL, Sergio. **No tempo de Ary Barroso**, Rio de Janeiro: Lumiar, 1993, p.170

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003,

COELHO, Paulo Vinicius; **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003

COLLI, Eduardo; **Universo Olímpico**; 2004

CORRÊA, Wilson. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p.208-304.

DA MATTA, R. “**Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro**” in____ (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982

DE OLIVEIRA, Aristeu; **CLT - Consolidação das Leis do Trabalho: Anotada e Legislação Complementar**; 2004

DE SOUZA, Guilherme. **Comunicações no Brasil: da Confusão Legal à Necessidade de Regular**; in _____ www.portcom.intercom.org.br

DEL PRIORI; Vitor Andrade; **História do esporte no Brasil**, 2009

DIÁRIO DE GUARULHOS, **TV Record transmite pela primeira vez os Jogos Olímpicos**,

<http://www.diariodeguarulhos.com.br/jornal/f?p=181:4:3577581513607550::NO:4:P4_ID,P4_PALAVRAS:74582,Olimp%25C3%25ADada%20%20Londres%20%20Globo%20%20Record%20%20TV> Acesso em: 10/02/2013

DUARTE, Orlando; **História dos Esportes**

FERNANDES, Adriana, **Televisão- Um veículo para todos**; 2007

FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo**, São Paulo, CEPEUSP, 1997

FOLHA UOL, < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/77937-londres-equilibra-suas-receitas-e-despesas.shtml>> Acesso em: 20/02/2013

FRANCES M., Ashcroft; **Vida no limite**; Pindaro, Ode às Primeiras Olimpíadas, 2001

FREITAS E BARRETO; **Almanaque Olímpico Sportv**; 2008

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: Mitos, Ídolos e heróis**. Dissertação de Mestrado. Campinas, 2007.

GOMES, Itania Maria Mota; **Telejornalismo de qualidade- Pressupostos teóricometodológicos para análise**

GUERRA, **Rádio X TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**, 2012

GUERRA, **Você, ouvinte, é a nossa meta**; 2002

GURGEL, Anderson. **Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos**. Motrivivência, Florianópolis/SC, ano XXI, nº 32/33; 2009.

GURGEL; **O Papel do Jornalismo nos Megaeventos Esportivos**; Intercom, 2012

HISTORIA da Rede Record; (<http://rederecord.r7.com/historia>); Acesso em: 10/02/2013

LAHUD, Simoni; **História do Esporte no Brasil**

LANCELLOTTI, Silvio, **Olimpíada 100 anos- História completa dos jogos**; 2000

LINS DA SILVA, **Muito além do jardim botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**; 1985

MALULY, Luciano Victor Barros; **Jornalismo esportivo – desafios e propostas**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, Anais... Caxias do Sul, 2-6/9/2010.

MALULY, Luciano Vitor Barros. **Em: Ética & comunicação – fiam: revista de estudos sobre comunicação, jornalismo e propaganda/** Faculdades Integradas Alcântara Machado N.2. São Paulo: FIAM, 2000.

MARINHO, Inezil Penna; **Enciclopédia Delta- Larousse**, 1960

MEMÓRIA GLOBO; (<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo>); Acesso em: 20/01/2013

MENDES, Raul; **Medalha de Ouro- História das Olimpíadas**

MEZZAROBA, Cristiano. **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares**. Dissertação Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2008.

PAYNE, Michael, **A virada olímpica**; 2006

PORTAL R7, < <http://rederecord.r7.com/londres-2012/noticias/ciclo-olimpico-fechado-em-londres-rende-r-16-bilhoes-ao-coi-um-recorde-na-historia-das-olimpiadas/>> Acesso em: 18/02/2013

POZZI, Luiz Fernando. **Reflexões sobre o futebol empresa no Brasil**. In: COSTA, Marcia Regina; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; D'ALLEVEDO, Silvia C.; SANTOS, Marco Antonio (orgs.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999.

RAMOS, Roberto; **A ideologia da Escolinha do Professor Raimundo**; 2002

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: Histórias da imprensa esportiva no Brasil**, São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2007

RODRIGUES, Rejane Penna; **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

NUZZMAN, Carlos Arthur. **A importância do marketing esportivo para o desenvolvimento do esporte**. Anais do Seminário INDESP de Marketing Esportivo, Brasília, 1996

SOARES, Edileuza; **A Bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**; São Paulo, 1994

TURCO, Benê; **Fique por dentro: Esportes Olímpicos**; 2006

TYLOR, Edward Burnett, **Cultura primitiva**; 1975

TAVOLARO, Douglas. **O Bispo. A história revelada de Edir Macedo**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007

8- Anexos

- 1- Nota do site do Jornal Nacional sobre posicionamento da emissora em relação à cobertura das Olimpíadas de Londres e as regras do COI

Edição do dia 25/07/2012

25/07/2012 20h14 - Atualizado em 25/07/2012 20h46

Regras do COI para uso de imagens das Olimpíadas

O JN seguirá as regras do Comitê Olímpico Internacional, que limita o uso de imagens do evento pelos não detentores de direitos de transmissão.

A cobertura jornalística da Rede Globo dos Jogos Olímpicos 2012 seguirá dois princípios de que não pode abrir mão: informar os seus telespectadores e respeitar acordos sobre direitos esportivos.

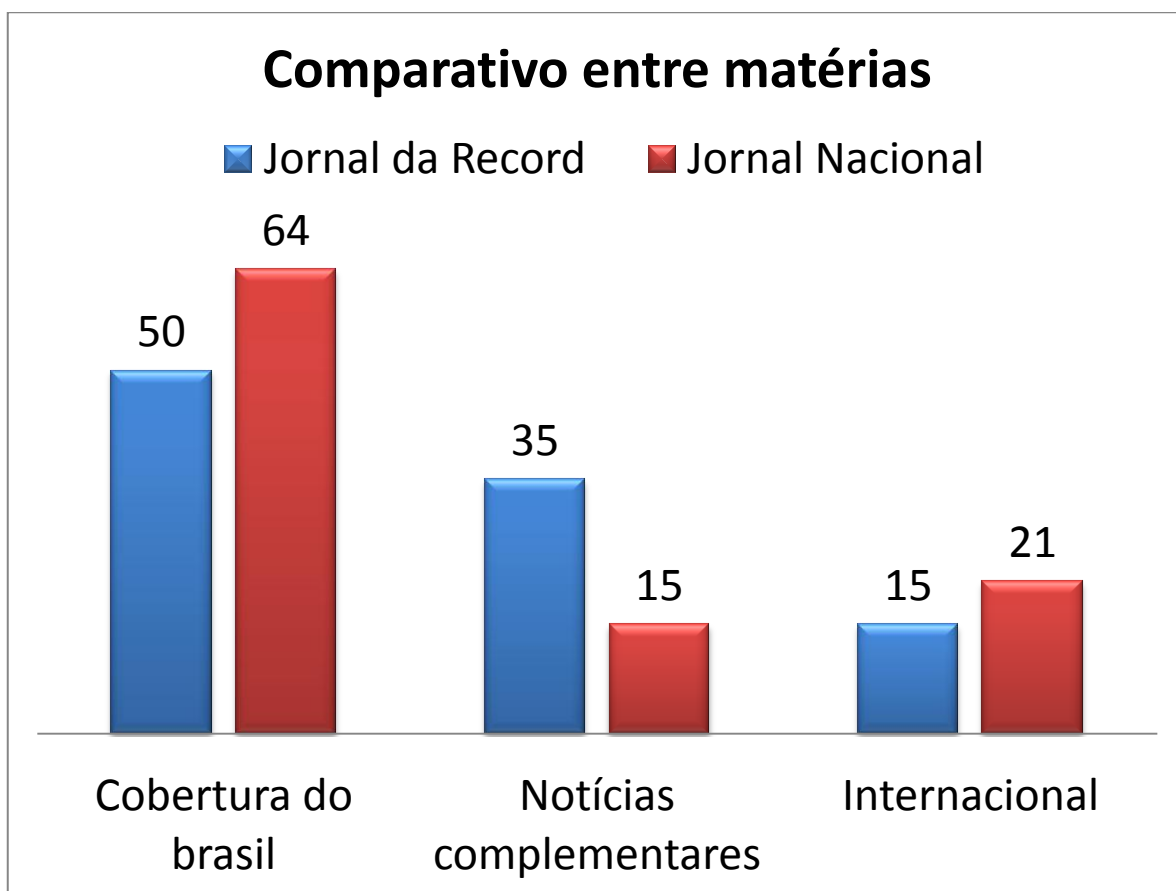
Para isso, a emissora comprou da OBS (Olympic Broadcast Services) o acesso às imagens dos Jogos Olímpicos vendido a não detentores dos direitos de transmissão que aceitam as regras do COI (Comitê Olímpico Internacional) para a utilização jornalística em suas coberturas do evento.

Essas regras determinam que, ao longo do dia, um total de apenas seis minutos de imagens sejam usados por no máximo três programas jornalísticos regulares, sendo que cada um deles poderá usar apenas até dois minutos, não ultrapassando, por evento ou prova, 30 segundos ou 1/3, o que for menor. A OBS produzirá boletins atualizados de 30 minutos sobre as Olimpíadas a cada meia hora, que serão transmitidos via satélite a todos os assinantes do serviço. Imagens de arquivo de Jogos Olímpicos passados contam nos seis minutos diários e, portanto, nos dois minutos por programa. Outra restrição é que as imagens só poderão ser usadas três horas depois que tiverem sido exibidas pelo detentor dos direitos de transmissão em TV aberta. No momento em que as imagens dos Jogos Olímpicos estiverem sendo mostradas nas reportagens, os assinantes do serviço da OBS se comprometem a creditá-las ao detentor dos direitos de transmissão.

Seguindo a experiência internacional, e sem ferir as regras do COI, fotos serão utilizadas sempre que imagens de um evento não puderem ser exibidas.

São restrições importantes do COI que a TV Globo acata num esforço para bem informar os seus telespectadores. Como acontece em todo o mundo com os não detentores de direitos de transmissão, o respeito a essas regras implicará, naturalmente, uma cobertura mais limitada do que a que realizamos nos últimos anos, mas suficiente para divulgar as principais notícias sobre os Jogos Olímpicos.

2- Gráfico comparativo das matérias/ temas exibidos nos dois jornais



3- Gráfico comparativo do tempo das notícias em relação ao tempo dos jornais

